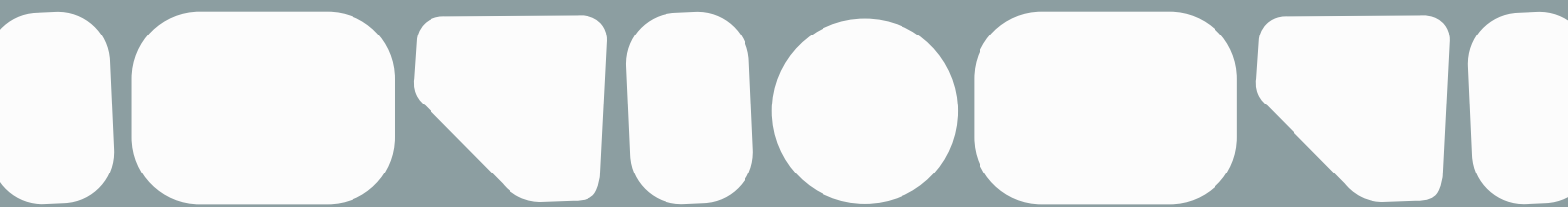


CADERNO DE RESUMOS

**III seminário
patrimônio
cultural
universitário**





REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



APOIO



PRiP Pró-Reitoria de Inclusão
e Pertencimento



CADERNO DE RESUMOS

**III seminário
patrimônio
cultural
universitário**

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP
CASA DE DONA YAYÁ

3 E 6 DE SETEMBRO DE 2024

C397r Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC USP)

III Seminário patrimônio cultural universitário: caderno de resumos /
Flávia Brito do Nascimento, coordenadora. — 1. ed. — São Paulo :
CPC-USP, 2024.

76 p. ebook
ISBN 978-85-85026-08-0

1. Patrimônio cultural. 2. Universidade de São Paulo (Brasil). 3.
Seminário I. Flávia Brito do Nascimento II. Universidade de São Paulo.
Centro de Preservação Cultural. II. Título: III Seminário patrimônio cultural
universitário: caderno de resumos

CDD 378.816

III SEMINÁRIO PATRIMÔNIO CULTURAL UNIVERSITÁRIO

3 a 6 de setembro de 2024, São Paulo - SP

COMISSÃO CIENTÍFICA

Flávia Brito do Nascimento
Joana Mello
Gabriel Fernandes
Elizabeth Ribas

COMISSÃO ORGANIZADORA

Flávia Brito do Nascimento
Joana Mello
Gabriel Fernandes
Matheus Bonini Machado
Rodrigo Augusto das Neves
Sofia Diogo Braga

MONITORES

Camila Gabay
Taís Maria Cassimiro
Leonardo Venâncio Maziero
Vitoria Dellevedove Moreira
Joanna Bridi Dalla Chiesa
Mariana Garcia
Cauan da Silva Rabello
Eduardo dos Santos Micarelli
Julia Assunção Freitas
Gabriela Miyamura Kato
Maria Isabelo Bico Machado
Pedro Cruz Oliveira
Gessica da Silva

PROJETO GRÁFICO

Júlia Moraes Peredo
Gustavo Macedo Menossi

REALIZAÇÃO

Centro de Preservação Cultural
da Universidade de São Paulo (CPC-USP)

APOIO

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROGRAMA	9
CONFERÊNCIA DE ABERTURA	11
RESUMOS	12
MESA 1: Ciência, sala de aula e práticas de formação como patrimônio científico	12
MESA 2: Política universitária e memória: USP na ditadura	16
MESA 3: Morar e comer: cotidiano universitário e práticas culturais	19
MESA 4: Patrimônio natural: vidas no campus	24
MESA 5: Do esporte à festa: vivências artísticas e sociabilidades universitárias	28
CONFERÊNCIAS: Patrimônio universitário na América Latina	31
SESSÃO 1: Memória institucional	35
SESSÃO 2: Patrimônio edificado e preservação	39
SESSÃO 3: Acervos, preservação e gestão de coleções universitárias	42
SESSÃO 4: Acervos, formação e caracterização de coleções universitárias	45
SESSÃO 5: Educação patrimonial	48
SESSÃO 6: Referências culturais, inventário de saberes e formas de expressão universitária	50
SESSÃO 7: Acervos, memória e vida universitária	53
SESSÃO 8: Patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos campi	57
SESSÃO 9: Patrimônio universitário e extensão	61
CURRÍCULOS	64

APRESENTAÇÃO

Embora as universidades sejam centros de referência consolidados na produção de conhecimento e de ação sobre a temática do patrimônio cultural, ainda são incipientes as iniciativas relacionadas ao reconhecimento do próprio universo de referências culturais que as caracteriza e que constitui parte fundamental da vida cotidiana de seus habitantes – estudantes, docentes, funcionários e demais frequentadores e entusiastas.

Com efeito, ainda que sejam inúmeros os casos de bens culturais oficialmente reconhecidos por autoridades de diferentes instâncias localizados em campi universitários, tratam-se usualmente de monumentos, edificações, conjuntos urbanísticos e paisagísticos cujos valores estão associados a narrativas ou a processos culturais não necessariamente intrínsecos à experiência ou à vida universitária: tratam-se de edifícios ligados à história canônica da arquitetura (por terem sido projetados por figuras de destaque ou pelas suas características estético-estilísticas), por exemplo, ou bens ligados a narrativas extrínsecas às das universidades. Neste sentido, destacam-se alguns dos bens universitários presentes na lista do Patrimônio Mundial da Unesco, como o campus da Universidade da Virgínia, nos EUA – cujo reconhecimento se deve mais à sua ligação com a trajetória de Thomas Jefferson e aos mitos de origem da nação estadunidense e menos com as práticas culturais universitárias que ali têm lugar – ou os célebres campi universitários na Cidade do México e em Caracas, cuja patrimonialização se deu mais em função de se constituírem de exemplares únicos de um determinado momento da história da arquitetura e do urbanismo no século 20 do que pela sua caracterização enquanto lugar da vida universitária contemporânea.

Caso similar ocorre na Universidade de São Paulo, lar de cerca de 25 bens tombados em diferentes instâncias – a maior parte dos quais por motivos extrínsecos à vida universitária, seja por se tratarem de relevantes obras da história da arquitetura paulista, seja ainda pela persistência do discurso da vinculação a “fatos relevantes” da história nacional. O campo do patrimônio cultural universitário ainda constitui um enorme território a ser melhor explorado, entendido e debatido. Desde 2022 o Centro de Preservação Cultural da USP vem realizando diversas iniciativas para estudar e problematizar o patrimônio da USP, como o Inventário Participativo das Referências Culturais, os Roteiros do Patrimônio da USP e o 1o Concurso de Fotografia do Patrimônio Cultural - Imagens em Patrimônio.

Para além desses bens inseridos em um lógica tradicional de reconhecimento e patrimonialização ancorada num “discurso autorizado” sobre o que deva ser e sobre como tratar os bens culturais, o CPC USP vem estudando um grande universo de referências culturais. Como lidar com as várias formas de expressão, lugares, saberes, espaços, paisagens, celebrações, rituais, tradições e elementos do cotidiano da vida universitária que estão inseridos em uma complexa teia de significações e de relações simbólicas das quais participam os vários habitantes da universidade? De saberes de sala de aula às táticas consolidadas de apropriação dos espaços em manifestações políticas e culturais; das práticas consolidadas de ensino, pesquisa e extensão presentes em cadernos de campo, cadernos de laboratório, cadernos de fichamento e outros elementos da cultura material universitária aos lugares que se tornam referenciais para a trajetória estudantil; dos rituais ligados à constituição de um ethos próprio do ser universitário (como as várias performances presentes em bancas, arguições, exames, colações, etc) aos elementos mais prosaicos do cotidiano universitário, como as festas, assembleias, competições esportivas, entre outros elementos da vida universitária: tudo isso diz respeito necessariamente à “memória, ação e identidade” dos grupos formadores das muitas comunidades universitárias.

Em outros dois momentos o Centro de Preservação Cultural já se debruçou de forma mais detida sobre o problema do patrimônio cultural universitário: em 2012, quando da realização do Simpósio Experiência cultural e patrimônio universitário e em 2017, durante a 2ª edição do Seminário sobre reconhecimento de bens culturais, quando o foco esteve nos bens culturais universitários em suas distintas naturezas, de forma panorâmica. No ano em que a USP comemora seus 90 anos e passada mais de uma década do primeiro evento e após sete anos do segundo, retornamos ao tema a fim de promover reflexões mais aprofundadas sobre os diferentes problemas que vimos encontrando no trato do patrimônio cultural universitário e em particular de nossa relação com o patrimônio ligado ao cotidiano da Universidade de São Paulo.

PROGRAMA

03.09

9h30

abertura

CPC | Faculdade de Direito

PRCEU | PRIP

10h–12h

o patrimônio nos 90 anos da USP

Paulo Garcez Marins

Mediação: Flávia Brito

13h30–15h30

mesa 1 | ciência, sala de aula e práticas de formação como patrimônio científico

Bernardo Svartman, Emanuela Ribeiro,

Guilherme Corrêa

Mediação: Gregório Ceccantini

15h30–16h30

café | apresentação

chorusp (chorinho)

16h30–18h30

mesa 2 | política universitária e memória: USP na ditadura

Janice Theodoro, Marcos Napolitano

Mediação: Ana Lanna

19h–20h

visita mediada: casa de dona yayá

04.09

9h–12h

sessão de comunicação 1 |

memória institucional

sessão de comunicação 2 |

patrimônio edificado e preservação

sessão de comunicação 3 |

acervos, preservação e gestão de coleções universitárias

13h30–15h30

mesa 3 | morar e comer: cotidiano universitário e práticas culturais

Renato Cymbalista, Éder Claudio Malta,

Otávio Luís Machado

Mediação: André Frota Faraco

15h30–16h30

café | apresentação

acappoli (canto)

16h30–18h30

mesa 4 | patrimônio natural: vidas no campus

Julio Pastore, Zoy Anastassakis

Mediação: Gabriel Fernandes

19h–20h

visita mediada: casa de dona yayá

05.09

9h-12h

mesa 5 | do esporte à festa: vivências artísticas e sociabilidades universitárias

Fabiola Zonno, Gabriel de Oliveira Morais, Hélio Herbst
Mediação: Joana Mello

13h30-15h30

sessão de comunicação 4 |

acervos, formação e caracterização de coleções universitárias

sessão de comunicação 5 |

educação patrimonial

sessão de comunicação 6 | referências culturais, inventário de saberes e formas de expressão universitária

15h30-16h30

café | apresentação

agravo de instrumento (bateria)

16h30-18h30

conferências | patrimônio universitário na américa latina

Aguedita Coss Lanz, Benny Schvarsberg, Umberto Bonomo
Mediação: Marianna Boghosian

06.09

9h-12h

sessão de comunicação 7 |

acervos, memória e vida universitária

sessão de comunicação 8 |

patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos campi

sessão de comunicação 9 |

patrimônio universitário e extensão

14h

roteiros do patrimônio da USP

percursos mediados no centro de são paulo e campus butantã



CONFERÊNCIA DE ABERTURA

O patrimônio nos 90 anos da USP

3 de setembro de 2024 // 09H30 às 12H

Paulo Garcez (MP-USP)

Mediação: Flávia Brito (CPC-USP)

A Universidade de São Paulo congrega como poucas instituições universitárias na América Latina um vasto patrimônio cultural. A conferência abordará criticamente este legado buscando conformar novos significados e pertencimentos críticos nos 90 anos da USP, a partir da multiplicidade de referências culturais universitárias.



RESUMOS

MESA 1 - Ciência, sala de aula e práticas de formação como patrimônio científico

3 de setembro de 2024 // 13H30–15H30

Bernardo Svartman (IP-USP)

Emanuela Sousa Ribeiro (UFPE)

Guilherme Torres Corrêa (FE-USP)

Mediação: Gregório Ceccantini (IB-USP)

O cotidiano dos espaços e instâncias de desenvolvimento das práticas de ensino, pesquisa e extensão é tomado por uma rede complexa de códigos, protocolos, tradições e rituais particulares apreendidos e compartilhados pelos sujeitos universitários desde os primeiros momentos em que eles são integrados à vida acadêmica. Registros em cadernos de campo e de laboratório, práticas de oratória na sala de aula, rituais de leitura e debate em grupos de pesquisa, formas de manipulação cuidadosa de instrumentos científicos, tradições de escrita acadêmica, entre outros: trata-se de um enorme universo de referências culturais próprias do dia-a-dia de construção e compartilhamento da ciência no interior dos recintos universitários. De que forma podemos pensar na identificação e reconhecimento dessas práticas enquanto patrimônio cultural da universidade? Quais os desafios e contradições envolvidas em sua salvaguarda? Que conflitos, disputas, apagamentos e omissões tais protocolos e tradições mascaram ou explicitam? Pensar no patrimônio cultural das universidades envolve também refletir sobre esse conjunto de práticas cotidianas tomadas quase como naturais para estudantes, docentes, pesquisadores, técnicos e outros habitantes das universidades.

Bernardo Svartman **A importância do patrimônio cultural nas práticas universitárias: reflexões sobre os espaços de participação acadêmica**

Buscaremos realizar uma breve discussão sobre a importância do reconhecimento do patrimônio cultural na construção de espaços de participação e de enraizamento na vida universitária. Esse tema, apresentado assim de forma resumida, envolve observar que qualquer atividade humana supõe um campo mais ou menos estruturado de interações e papéis, delimitados em instituições que são responsáveis por sustentar uma experiência de preservação de memória (individual e coletiva) e por abrir um horizonte de expectativas, uma perspectiva de futuro e de projetos. A atividade de pesquisa, ensino e extensão na universidade pode ser entendida como um espaço no qual certos problemas e áreas de conhecimento organizam sua história, a memória de seu desenvolvimento, de suas tensões, crises e disputas. Além disso, a universidade abre espaços de experimentação dessa história no presente, ou seja, organiza ações e atividades que põem à prova esse conhecimento, sustentando esperanças e projetos de futuro. A atividade de ensino, pesquisa e extensão deve estar amparada numa transmissão crítica dessa memória, permitindo aos estudantes a recuperação dessas esperanças, dúvidas, tensões e debates presentes em determinado campo de conhecimento. O combate à forma alienada de fazer ciência depende desta tarefa. Ao mesmo tempo, isso só pode ocorrer na medida em que os espaços de participação na universidade se organizem de forma ativa nesse processo de diálogo entre os tempos: as questões do presente interrogam o passado e projetam um horizonte de futuro possível. As atividades acadêmicas não podem obter sucesso a não ser que permitam e sustentem esse diálogo entre os tempos. O reconhecimento e valorização do patrimônio cultural universitário é um passo decisivo nessa tarefa, pois permite delimitar atividades que sustentam interrogações em uma dimensão temporal crítica. O trabalho de reconhecimento do patrimônio cultural orienta de certa forma a necessidade de lutarmos pela coerência da produção do conhecimento: um voltar-se reflexivamente sobre si mesmo, sobre sua trajetória, permitindo o engajamento pessoal dos estudantes, professores e técnicos em projetos eticamente orientados de construção e transformação do mundo.

Emanuela Sousa Ribeiro Patrimônio de C&T e universitário: da ciência que aprendemos à ciência que esquecemos

Esta apresentação relaciona as práticas de patrimonialização do conhecimento científico com a forma com que usualmente aprendemos a ser cientistas nas universidades brasileiras. Considerando que mais de 90% do conhecimento científico nacional é produzido no contexto das universidades, podemos afirmar que existe uma grande área de sobreposição entre o patrimônio cultural de ciência e tecnologia (PCCT) e o patrimônio universitário no Brasil. Além da sobreposição de instituições e bens culturais, tanto o PCCT quanto o patrimônio universitário costumam privilegiar determinados tipo de experiência do fazer científico, e de sua produção e reprodução: costumam ser preservadas as experiências e processos exitosos, centrados em poucos cientistas considerados “excepcionais”, os quais são geralmente apresentados em suas singularidades e qualidades/capacidades individuais. O mesmo processo de seleção costuma ocorrer quando preservamos vestígios das atividades de extensão: são privilegiados os registros de atividades que evidenciam os contrastes entre as identidades dos cientistas e da “população atendida”. Não seria diferente com as atividades de ensino universitário, que são o foco desta apresentação: temos marcadores de áreas do conhecimento, de aulas práticas, de disciplinas que lidam com os semióforos das diversas profissões, dos professores catedráticos, dos nossos cadernos de resumos e das provas escritas, enfim, uma grande diversidade de práticas e objetos de ensino que costumam ser lembradas quando se fala do ensino nas universidades. Contudo, infelizmente, há práticas sobre as quais é mais difícil falar, e que, até o momento, temos preferido silenciar: aquelas das relações hierarquizadas, do saber apenas reproduzido, dos jogos de poder que oprimem e dos mitos dos gênios em suas torres de marfim... ainda que sejam registros de práticas universitárias e do fazer científico que não queremos reproduzir, também são parte do conjunto de experiências vividas por muitos dos nossos egressos, e sobre os quais podemos/devemos lembrar quando fazemos funcionar a maquinaria do patrimônio da ciência e universitário.

**Guilherme
Torres Corrêa** **Aula: um patrimônio cultural universitário?**

Assumindo como ponto de partida o tema central deste evento, bem como os resultados de nossa pesquisa de doutoramento, na qual realizamos uma etnografia da aula universitária, nos propomos aqui o esboço de algumas reflexões materialistas e dialéticas a respeito da seguinte questão: em que medida a aula pode ser considerada um patrimônio cultural universitário? A própria maneira de formular a pergunta já traz indícios de que o caminho trilhado não será linear. E não será linear porque, entre outros pontos, lidamos aqui com ao menos três instâncias bastante complexas e contraditórias: aula, universidade e cultura. Ademais, trata-se de considerar tais instâncias, assim como a questão que nos mobiliza, sem nos furtar de pensá-las no seu chão, no seu solo, no seu terreno de fato, ou seja: o capitalismo dependente brasileiro. Destarte, responder em que medida a aula é um patrimônio cultural universitário implica, antes de tudo, compreendermos seja a aula, seja a universidade, ou mesmo a cultura, no processo histórico concreto do qual emergem.

MESA 2 - Política universitária e memória: USP na ditadura

3 de setembro de 2024 // 16H30–18H30

Janice Theodoro (FFLCH-USP)

Marcos Napolitano (FFLCH-USP)

Mediação: Ana Lanna (PRIP-USP)

Práticas de organização e mobilização política constituem elemento central da vida universitária. O cotidiano de estudantes, pesquisadores, funcionários e docentes é entremeado pela realização de assembleias e atos políticos promovidos nos contextos dos movimentos estudantil e sindical, cujas expressões no cotidiano universitário são bastante significativas. Liberdade de expressão e de organização, aliás, constituem valores tradicionalmente pensados como inerentes à própria autonomia das universidades, instituições caracterizadas pela liberdade de cátedra e de manifestação do pensamento livre e crítico. Em tempos autoritários, contudo, tais liberdades de pensamento e organização não apenas são ameaçadas como seus sujeitos são alvo de perseguição e violência institucional. Neste sentido, em função da comemoração dos 90 anos da USP, cabe neste momento promover novas reflexões em torno da memória dos processos de repressão e resistência promovidos no contexto da universidade durante os 21 anos de ditadura civil-militar a que foi submetido o país entre 1964 e 1985. Dados da Comissão da Verdade da USP apontam que cerca de 10% dos mortos e desaparecidos oficialmente reconhecidos pelo Estado brasileiro nesse período apresentam relação direta com a universidade. Como pregam os movimentos de memória, verdade, justiça e reparação, tais violações graves de direitos humanos ocorridas no contexto universitário devem ser pautadas para que nunca mais sejam esquecidas e nunca mais se repitam.

Janice Teodoro A AESI - Assessoria Especial de Segurança e Informação - na USP

Dentre os diferentes tipos de Patrimônio Cultural destaca-se, os pensadores, gente capaz de manter acesa a chama do pensamento crítico, nas diversas áreas do saber. Criaturas são patrimônio humano, patrimônio cultural de dimensão planetária. Na Universidade as atividades realizadas por estudiosos, tanto de pesquisa como de docência, produzem, reproduzem e difundem conhecimento. Alimento necessário para aprimorar as formas do ser e do viver em sociedade. A Universidade exerce papel central nesse processo de aprendizagem. Impedir o pensamento crítico, por meio de Serviços de vigilância, de informação e de exclusão é uma forma de barrar o funcionamento crítico da Universidade, na sua raiz. Os avanços tecnológicos são importantes. Mas, eles não devem deixar de lado o essencial na vida acadêmica, os dilemas fundadores do mundo moderno e a precariedade da condição humana nesse enfrentamento. Estimular a dúvida, o debate, compreender a ambiguidade humana é parte do exercício necessário à razão moderna.

A criação da AESI – Assessoria Especial de Segurança e Informação – junto à reitoria da USP, permitiu o uso de instrumentos legais, porém ilegítimos, para vigiar professores e alunos. O objetivo era impedir o pensamento crítico, em favor da Vontade de Um, de um governo autoritário. As cassações realizadas por meio dos Atos Institucionais, após o golpe de 1964, retiraram da cena brasileira seus principais críticos. Na sequência a AESI (Assessoria Especial de Segurança e Informação) passou a selecionar quem poderia, ou não, ser contratado pela Universidade. Empregou espiões para buscar justificativas, realizar perseguições, indícios de gente com apego à dúvida, ao debate e ao espírito criativo. Atuou para impedir a realização de contratos de trabalho de futuros professores. Uma forma lenta e autoritária para desmontar a Universidade.

A AESI, dificultou a liberdade de reflexão no campo ético, político e cognitivo. Impediu a circulação de um saber necessariamente livre e independente, viga mestra da Universidade. Este momento dramático da história da USP, do Brasil e do mundo precisa ser lembrado. A memória é uma espécie de padrinho para a construção e manutenção de um mundo melhor.

Marcos Napolitano **Uma “aldeia gaulesa” contra o Império Romano?: a USP e a memória hegemônica sobre a ditadura militar**

As disputas de memória em torno de passados conflitivos são atravessadas por processos de monumentalização e esquecimento seletivo. No caso da ditadura militar brasileira, as Universidades, no escopo da idealização da resistência no seio da sociedade civil, foram vistas como instituições que combateram, in totum, o autoritarismo da ditadura e o seu obscurantismo policialesco, partilhando assim de uma certa “memória hegemônica” sobre o período. Entretanto, a historiografia vem destacando que esta autoimagem, construída sobretudo a partir do final dos anos 1970, omite as relações complexas e ambíguas entre as Universidades e a ditadura, marcadas não apenas pela resistência antiautoritária, mas também por acomodações e, não raro, por adesões individuais e institucionais à política geral do Regime militar. Enfrentar criticamente esse passado difícil é parte do “dever de memória” institucional na superação dos seus traumas e legados negativos.

MESA 3 - Morar e comer: cotidiano universitário e práticas culturais

3 de setembro de 2024 // 16H30–18H30

Renato Cymbalista (PRIP–USP)

Éder Claudio Malta (UFS)

Otávio Luís Machado (UFOP)

Mediação: André Frota Faraco (IAU USP)

Muitos campi universitários brasileiros constituíram-se como estruturas urbanas distantes dos centros das cidades, pensadas como espaços autossuficientes e voltadas ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão sem que fossem prejudicadas pelo cotidiano externo. Em casos como esses, instalações como restaurantes universitários (os famosos bandejões), cantinas, lanchonetes, assim como conjuntos de moradia estudantil, constituem elementos fundamentais do cotidiano universitário. Em outros casos, bairros ou mesmo cidades inteiras são de tal forma impactados pela presença das universidades que inúmeras repúblicas estudantis, bares, restaurantes e outros empreendimentos passam a orbitar o campus e seu cotidiano. Esse conjunto de espaços, lugares e estruturas constitui uma teia particular de sentidos, significados e valores para os sujeitos universitários, articulando-se a tradições acadêmicas, celebrações, formas de expressão particulares e outras referências culturais universitárias. Como pensar esses espaços, lugares e estruturas como patrimônio cultural universitário? Como salvaguardar suas práticas e fenômenos, sobretudo num contexto caracterizado por públicos tão rotativos como os das universidades?

Renato Cymbalista **CRUSP: Construindo memórias de um serviço de moradia estudantil**

Em maio de 2022 foi criada a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da USP (PRIP). Foi uma promessa de campanha do reitor Carlos Gilberto Carlotti, dando continuidade a um conjunto de ações afirmativas realizadas pela universidade, como a adoção de política de cotas e a construção de um grande programa de auxílio estudantil o PAPFE. A PRIP foi concebida e aprovada em tempo recorde.

A pró-reitoria recebeu uma série de equipamentos, entre os quais o maior de seus desafios físicos e de ocupação, o Conjunto Residencial da USP (CRUSP).

O CRUSP sedia uma série de memórias desde sua concepção, a maior parte delas tensa. Foi o primeiro grande conjunto pré-fabricado do país, construído às pressas pela necessidade de sediar os jogos pan-americanos de 1963. Foi local de uma experiência de autogestão estudantil muito mitificada, mas pouco descrita, após o fim dos jogos pan-americanos. Foi parte estratégica da mobilização estudantil da década de 1960, e centro da resistência estudantil por um curto período após a tomada da Maria Antonia em 1968 e a desocupação do próprio CRUSP no ano seguinte. Foi local de uma violenta evacuação pelo exército, emblema do sufocamento da mobilização estudantil no período de radicalização da repressão militar.

As estruturas do CRUSP expressam as fraturas no próprio projeto universitário no período autoritário e nos primeiros anos de redemocratização: alguns edifícios foram demolidos, outros tiveram seus usos redirecionados, outros permanecem desocupados ou não finalizados. Em 1978 dois blocos foram reocupados para a pós-graduação, seguindo-se uma ocupação de outros blocos em uma mobilização pelo atendimento de necessidades de estudantes de baixa renda, ocupação que trouxe também irregularidade e informalidade que desafiam a universidade até os dias atuais.

Os usos atuais dos blocos revelam a falta de linearidade no trato do CRUSP pela universidade: seis blocos cuja construção data da década de 1960 (A, B, C, E, F, G) são ocupados por moradia, dois deles (C e G) para a pós-graduação e quatro para

a graduação. Um bloco construído já no século 21 (A1) abriga apartamentos para a graduação. Dois blocos foram demolidos para a passagem de uma rua, a rua da Praça do Relógio; e dois outros (K, L) são usados para usos não residenciais.

A gestão da universidade precisa lidar com o espaço fraturado, e também com memórias desafiadoras e sempre parciais, incompletas, com fortes cargas ideológicas e discursos que agregam narrativas e identidades, mas que também deixam de narrar importantes memórias. A narrativa de que o CRUSP é espaço de autonomia estudantil oculta o esforço histórico de partes da universidade em oferecer moradia digna para seus estudantes. A narrativa do CRUSP como espaço de resistência coloca a pergunta sobre o outro lado: a que os moradores resistem e resistiram? A resposta é incômoda para a Universidade, acusada ora de desleixo, ou até mesmo de protagonizar ações de autoritarismo estatal.

Tais construções de memória enaltecem a mobilização estudantil, enquanto invisibilizam alguns agentes e práticas, principalmente aqueles que se esforçaram por instituir o CRUSP como um serviço público de moradia estudantil gratuita: zeladoria, assistência social, partes da gestão central encarregadas da oferta do serviço.

O desafio da Pró-reitoria, portanto, refere-se ao presente, mas também ao passado. Como respeitar a memória das mobilizações estudantil, mas ao mesmo tempo criar “contramemórias” que permitam narrar um passado de cuidado institucional? A criação dessas outras memórias é fundamental para trazer as ações do presente como iniciativas de retorno à origem do projeto do CRUSP como serviço de moradia estudantil, e não como reedição de rupturas autoritárias.

Éder Claudio Malta **Repúblicas estudantis e patrimônio cultural universitário em Ouro Preto/MG: Artes de morar, práticas sociais e maneiras de co-viver**

A cidade de Ouro Preto, reconhecida por seu patrimônio cultural, exemplifica como espaços históricos podem ser reapropriados pelas práticas estudantis, tornando-se patrimônio cultural universitário. Desde a fundação da Escola de Minas, em 1876, antigos sobrados foram transformados em repúblicas de estudantes que, ao longo do século XX, conformaram espaços de convivência com normas e estatuto próprio dos usos e formas de habitar a casa (Malta, 2018). Nesta fala, examinarei a relação entre a cidade patrimonial e a cidade universitária através das artes de morar e as maneiras de “co-viver” estudantis, no sentido de “traçar as interligações de uma cotidianidade concreta, deixar que apareçam no espaço da memória” (Certeau, 1996, p.31) pois se revelam em formas de sociabilidade rituais, festivas e formais dos estudantes. A presença das repúblicas configura uma dinâmica dissonante entre a tradição e a inovação da paisagem cultural ouropretana, dos usos do acervo antigo e dos desafios de salvaguardar suas práticas, por vezes, conflitiva e plural, como patrimônio imaterial em um contexto de alta rotatividade de público. Esta análise se insere no contexto mais amplo das discussões sobre patrimônio cultural universitário, com o olhar sobre a importância de reconhecer e preservar as manifestações socioculturais que constituem a vida cotidiana dos estudantes, articulando-se com tradições acadêmicas, celebrações locais e outras referências culturais.

Otávio Luís Machado **Convivência universitária e os espaços de alimentação: uma reflexão sobre o patrimônio cultural universitário**

O percurso universitário é marcado por um entrelaçamento entre aspirações individuais e coletivas, tendo o ambiente escolar formal de atividades acadêmicas, juntamente com os espaços próprios dos grupos estudantis, a grande referência de formação profissional e humana. Os estudantes adquirem formas de expressão próprias e contracenam no cotidiano em espaços diversos onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. E é justamente nos ambientes marcados pela história – que são parte do patrimônio cultural universitário (como restaurantes universitários, lanchonetes, cantinas e bares tradicionais e similares) –, que identificamos um modo de vida peculiar, marcados pela convivência comunitária, ponto de encontro para reflexões e debates sobre a política e a vida, organização de projetos coletivos e associativos e rituais acadêmicos que transcendem gerações. Também estamos tratando de lugares celebrativos, de conagração e muitas das vezes marcos de lutas e conquistas estudantis, quando seus membros constroem um sentimento de pertencimento ao lugar e deixam eternizados e referenciados uma parte importante da história da Universidade.

MESA 4 - Patrimônio natural: vidas no campus

4 de setembro de 2024 // 16H30–18H30

Julio Pastore (UnB)

Zoy Anastassakis (UERJ)

Mediação: Gabriel Fernandes (CPC-USP)

Pode-se falar sobre a presença do mundo natural nos campi universitários a partir de duas perspectivas: num primeiro momento, recintos como laboratórios, salas de aula e gabinetes de pesquisa se constituem em espaços de invenção da natureza, por meio de seus instrumentos e ambientes controlados nos quais fatos científicos são sistematicamente produzidos. Por outro lado, pela características urbana e paisagística peculiares de vários dos campi brasileiros, tal presença se dá também pela interação, muitas vezes de forma mais direta em comparação aos demais ambientes citadinos, com seres outros-que-humanos. Aranhas, capivaras, cupins, saguis, quero-queros, teius, buritis, tipuanas, palmeiras, cursos d'água, matas, bosques, etc: numa espécie de espaço-ciborgue concentram-se vidas e perspectivas distintas, em relações nem sempre harmônicas ou desprovidas de tensão. Tais campi muitas vezes constituem-se inclusive de estruturas particularmente relevantes em matrizes ecológicas mais amplas, promovendo serviços ecossistêmicos inestimáveis. Contudo, para além de pensá-los sistemicamente como estruturas ecológicas, cabe também pensar na relação entre humanos e não-humanos na perspectiva de reconhecimento de referências culturais próprias do cotidiano universitário. Entender esse complexo de vidas distintas é fundamental também para pensar os campi como patrimônio.

Julio Pastore O Jardim de Sequeiro e sua inserção no espaço cotidiano da Universidade de Brasília

As recentes crises hídricas e climáticas, somadas às dificuldades orçamentárias que têm impactado as universidades públicas, colocam em risco os modelos de gestão de seus patrimônios paisagísticos. Ao mesmo tempo, a ausência de cursos de graduação ou programas de pós-graduação em paisagismo na quase totalidade das universidades públicas brasileiras dificulta os processos acadêmicos de desenvolvimento de pesquisa, inovação e o debate histórico-conceitual e crítico, relegando o tema ao abandono ou ao abrigo em outras sedes, onde não possui protagonismo e onde, no mais das vezes, o debate é centrado em visadas exóticas. Ainda, costumam ter prioridade na gestão e no planejamento dos espaços acadêmicos as questões prediais e urbanas, sendo o corpo técnico dedicado ao paisagismo no mais das vezes insuficientemente conformado.

Neste contexto, em 2017, iniciou-se uma experiência de interação entre o Laboratório de Paisagismo e Arborização da Faculdade de Agronomia e Veterinária da Universidade de Brasília (UnB) e a então Coordenação de Parques e Jardins da Prefeitura desta Universidade, criando o Viveiro-escola da Prefeitura da UnB com o intuito de contribuir para a economia e qualidade de serviços prestados, assim como criar oportunidades para o ensino, pesquisa e extensão nas variadas áreas acadêmicas relacionadas a meio ambiente e paisagismo.

Resultam desta iniciativa a criação da disciplina de graduação “Jardinagem” (2019), assim como o recebimento da disciplina “Paisagismo, Parques e Jardins”, que passou a ser ministrada inteiramente no Viveiro-escola. Também foram criados os projetos de extensão “Museu das Flores” (2018), Casa de Chás (2021), Meliponário UnB (2024), assim como foram sediados ou apoiados projetos de pesquisa de graduação e pós-graduação da UnB e de outras instituições de ensino superior.

Durante este período buscou-se a requalificação da área do Viveiro-escola e de sua produção, com reflexos nos espaços verdes da Universidade, graças às novas técnicas de projeto e execução de jardins desenvolvidas e testadas inicialmente no Viveiro-escola e, depois, implantadas nos jardins da Universidade.

Foi a partir da experimentação direta realizada no âmbito do Viveiro-escola e em jardins experimentais da Universidade que foram desenvolvidas as técnicas de manejo e composição que resultaram no Jardim de Sequeiro (2020), projeto de intervenção paisagística no Instituto Central de Ciências, edifício central e mais icônico da Universidade de Brasília.

O projeto Jardim de Sequeiro foi idealizado como um jardim-instalação, que pudesse ser redesenhado e replantado anualmente, aproveitando os meses de chuva na região do Cerrado, onde se insere Brasília. São utilizadas espécies nativas do Cerrado, em especial gramíneas, e flores exóticas de ciclo curto. As dinâmicas temporais contrastantes, entre um jardim temporário e um edifício de alto valor histórico, acentuam o caráter da intervenção. A centralidade do espaço ocupado, com uma área de cinco mil metros quadrados ladeada pelos dois blocos da megaestrutura, insere o jardim no cotidiano do Campus Darcy Ribeiro.

O projeto se insere no contexto atual de financiamento das universidades, com baixo custo de implantação e sem a necessidade de irrigação. Além disso, as sementes e mudas utilizadas são produzidas na própria universidade.

A intervenção foi formalizada como projeto de extensão em 2021, acentuando seu diálogo com a comunidade interna e externa. A cada ciclo são oferecidas oficinas no próprio jardim, explorando seus temas e suas possibilidades de fruição. São visitas guiadas, produção de aquarelas, fotografia, desenho, manejo de abelhas nativas, arranjos florais com flores vivas e, depois, com flores secas, maquiagem botânica, artesanato com a palhada dos capins, impressão em tecido, flores comestíveis, cianotipia e coleta e beneficiamento de sementes. As oficinas, assim como a participação em eventos comemorativos da Universidade e o uso de cartazes, QR codes e divulgação em mídias sociais têm contribuído para ampliar e dar visibilidade aos temas tratados.

O projeto Jardim de Sequeiro realiza uma seleção anual de novos membros, que entram para fazer parte e vivenciar um ciclo completo de cultivo. A equipe formada é mista, com participantes oriundos também de fora da universidade, com idades e experiências variadas. Eles tomam parte em todas as ações preparatórias, que ocorrem durante o outono/inverno, assim como no cultivo direto do jardim e na oferta de oficinas e outras atividades comunitárias. Esta diversidade enriquece o projeto original, trazendo novas visadas e novos saberes,

contribuindo para a conformação de um projeto que a cada ano se renova e se fortalece, tanto nos seus objetivos técnicos e de qualificação dos espaços universitários, quanto mesmo na sua inserção no cotidiano e no imaginário da comunidade.

Zoy Anastassakis **Coexistirmos, como humanos na universidade, mas não só: a que será que se destina?**

Nesta apresentação, indago a nossa coexistência, enquanto humanos, junto a todas as vidas que coabitam nos espaços universitários. Como pensar a vida no campus para além da centralidade da presença humana? Como pensar o campus para além das distinções entre humanos e não humanos, vivos e não vivos, natureza e cultura? Como gerir a vida e o património universitário em meio a todas essas coexistências? Quais as potencialidades que essas coexistências encerram? Abordo essas questões descrevendo as muitas vidas que coabitam na Escola Superior de Desenho Industrial, situada no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Instalada provisoriamente, desde 1962, sobre o aterro da Lagoa do Boqueirão, a escola é vizinha ao Passeio Público, primeiro parque público das Américas. Em 1976, Carmen Portinho plantou, no campus, uma série de amendoeiras e árvores da borracha. Hoje, essas árvores trazem sombra e conforto térmico, mas, também, folhas e galhos secos, que tombam e danificam os telhados. Por meio delas, emergem muitos outros habitantes, tais como os cupins, que devoram mesas, cadeiras, janelas e portas. Também coabitam gatos, ratos, gambás, formigas, e uma série de microrganismos que se proliferam nos arquivos e bibliotecas.

MESA 5 - Do esporte à festa: vivências artísticas e sociabilidades universitárias

5 de setembro de 2024 // 9H30–12H

Fabiola Zonno (UFRJ)

Gabriel de Oliveira Morais (Me. FFLCH USP)

Hélio Herbst (UFRRJ)

Mediação: Joana Mello (CPC-USP)

O complexo de atividades promovidas sobretudo por estudantes para além dos espaços formais de ensino, pesquisa e extensão — festas, jogos esportivos, manifestações artísticas, etc — não se constitui apenas de um mero coadjuvante do cotidiano universitário, mas de um protagonista na trajetória e na memória de gerações de estudantes e outros sujeitos universitários. Universidades são espaços privilegiados para formação de coletivos voltados à prática e estudo das mais variadas expressões artísticas populares e eruditas (de grupos de capoeira a corais líricos, de trupes de teatro a organização de sarais, entre outros) bem como à formação dos mais distintos tipos de celebração e festa — muitas vezes consolidando calendários festivos que movimentam públicos para além dos campi, tomando ruas, bairros e cidades inteiras. A vida artística, esportiva e festiva dos estudantes e demais sujeitos universitários é repleta de especificidades, tradições, protocolos, constituindo um conjunto rico de referências culturais a serem inventariadas e estudadas.

Fabiola Zonna **Arte e Vida [Universitária] – reflexões sobre práticas como e com o patrimônio**

Universidades são espaços vividos, onde a arte pode se entrelaçar como e com a vida, como e com o patrimônio. Performances e intervenções (permanentes ou temporárias) que, em especial, exploram relações entre arte e vida, criam e reelaboram sentidos relativos às comunidades envolvidas e aos espaços que elas habitam. As práticas podem ser reconhecidas como parte do caráter dos lugares universitários, lugares de gestos vitais de produção de saberes e de subjetividades, de vida pulsante e compartilhada. Por vezes, se afirmam a partir de relação com o próprio patrimônio edificado – lugares que são apropriados de modos outros ou que, enquanto sítios específicos, têm seus significados expostos ou reelaborados na atualidade a partir dos trabalhos. Considerando exemplos na UFRJ, cumpre refletir sobre o reconhecimento de tais ações artísticas como referências da cultura universitária e ainda sobre seu potencial para a valorização do patrimônio universitário, considerando posicionamentos tanto de sensibilização como de crítica, sempre com respeito à integridade dos bens e em defesa da memória enquanto processo vivo e fundamental para nossa condição humana criativa.

Gabriel de Oliveira Morais **“Ecossistema universitário”: disputas de poder muito além da sala de aula**

A partir da vivência com jovens universitários da USP, a proposta é discutir um pouco sobre as variáveis que vão além das estruturas formais da Universidade e como geram impactos e redistribuem os eixos de poder no ambiente universitário. O quadro de professores e grade curricular dão lugar para as festas, corredores e coletivos, em busca de iniciativas não formais de socialização, visando seus impactos nos símbolos e estruturas daquele contexto.

A tradição de uma Universidade branca, cisgênera e masculinizada, com suas ferramentas de manutenção, convive junto à subversão, com novas ideias de poder e de discurso materializado nas iniciativas dos alunos, nas interferências nos ambientes formais e na criação de novos arranjos de convivência. A discussão aqui está em que USP os alunos desejam e de que forma estão materializando e rediscutindo a própria Universidade.

Hélio Herbst Para além do projeto: a presença da arte mural no cotidiano da UFRRJ, UFRJ e USP

Este artigo integra a pesquisa Arte Mural em Territórios Universitários, que objetiva investigar as contribuições do fazer artístico para a produção arquitetônica da região a que se convencionou denominar América Latina. No presente recorte são abordados o painel Kilomètre 47, elaborado por Maria Helena Vieira da Silva e inserido na Universidade Rural (atual UFRRJ), o painel de Roberto Burle Marx que integra o Instituto de Puericultura e Pediatria da então denominada Universidade do Brasil (atual UFRJ), e os altos e baixos relevos concebidos por Elisabeth Nobile para a Torre do Relógio, monumento-símbolo da Universidade de São Paulo. Em um primeiro bloco, são lançadas hipóteses acerca das motivações para a encomenda dos trabalhos artísticos, entendidos como elementos articuladores da espacialidade do projeto arquitetônico e urbanístico. Neste raciocínio se examina o diálogo estabelecido entre as obras murais e os projetos assinados por Eduardo da Veiga Soares (antigo refeitório da Universidade Rural), Jorge Machado Moreira (Instituto de Puericultura e Pediatria) e Rino Levi (Torre do Relógio). Em um segundo bloco, equaciona-se a apropriação cotidiana dos territórios, palco de manifestações de caráter oficial e lócus preferencial para a articulação espontânea da comunidade universitária, sobretudo estudantes. Neste viés, são examinadas diferenças de significação entre as obras, vistas como marcos simbólicos institucionais e, em diversas ocasiões, como elementos centrais à vivência estudantil, para além das atividades formais de ensino, pesquisa e extensão. Por fim, o presente ensaio pretende, com base nos conceitos de práticas e representações formulados por Roger Chartier, contribuir para o entendimento da Universidade como um lugar privilegiado para a formação cultural de amplos segmentos da sociedade, para além da comunidade acadêmica.

CONFERÊNCIAS: Patrimônio universitário na América Latina

5 de setembro de 2024 // 9H30–12H

Aguedita Coss Lanz (Copred-UCV)

Benny Schvarsberg

Umberto Bonomo (PUC Chile)

Mediação: Marianna Boghosian (AE/AU)

Aguedita Coss Lanz **Gestión de la Ciudad Universitaria de Caracas como bien del Patrimonio Mundial.**

La ciudad Universitaria de Caracas fue incluida por el Comité de la Convención de patrimonio Mundial en su lista el dos de diciembre del año 2000, por representar una obra maestra de la arquitectura moderna, proyectada y dirigida por el arquitecto Carlos Raúl Villanueva junto a un equipo de profesionales, y desarrollado en asociación con reconocidos artistas plásticos nacionales e internacionales, que hicieron posible el mejor ejemplo construido de la Síntesis de las Artes, considerado sin duda como el más trascendente de nuestro siglo. En este campus universitario quedaron expuestos un momento de la historia de la arquitectura que refleja los postulados del Movimiento Moderno, principalmente la visión orgánica de este, en donde la propuesta paisajista cobra relevancia.

Esta presentación se centrará en destacar sus innumerables valores y las circunstancias que surgen en el manejo de su condición como bien del Patrimonio Mundial en la actualidad, desde la perspectiva de quien le corresponde dirigir en este momento al Ente Gestor, a saber, El Consejo de Preservación y Desarrollo de la Ciudad Universitaria de Caracas, sede de la Universidad Central de Venezuela en la capital de Venezuela. Llevar adelante esta importante tarea además de realizar los cambios que en este momento se hacen necesarios para su debida adaptación con criterios de sostenibilidad y que permitan la transición del campus caraqueño de un esquema de metabolismo urbano lineal a uno circular.

En donde el tema del legado de los bienes naturales y culturales a las generaciones que han de venir, manejado tanto

en los postulados de sostenibilidad (CMMAD, 1987): “desarrollo que satisface las necesidades del presente sin comprometer la posibilidad de satisfacer las necesidades de las generaciones futuras” (p.43), como en los patrimoniales de John Ruskin (1849): “(...) la conservación de los monumentos del pasado no es una simple cuestión de conveniencia o de sentimiento. No tenemos el derecho de tocarlos. No nos pertenecen. Pertenecen en parte a los que los construyeron, y en parte a las generaciones que nos han de venir detrás” (p. 258 y 259), nos hacen conscientes del compromiso que tenemos los que estamos en el momento presente de garantizarlo.

Palabras Clave: Gestión, Patrimonio Mundial, Movimiento Moderno, Campus Universitario

Umberto Bonomo Patrimonio en la Universidad: una oportunidad para innovar

Esta ponencia expone el trabajo realizado por Centro del Patrimonio Cultural de la Pontificia Universidad Católica de Chile en el periodo 2018-2024. Estos seis años han sido clave para que este centro se configure como un lugar interdisciplinario al dedicado a aportar al desarrollo de la temática patrimonial en 4 ámbitos específicos. El primero tiene que ver con la maduración institucional de la Universidad Católica y como el patrimonio ha sido clave en la gestión interna de los últimos años. El segundo ámbito tiene que ver con la investigación interdisciplinaria para la cual el CENPUC se ha consolidado con un generador de conocimiento específico a nivel nacional e internacional. El tercer campo de trabajo se refiere a la docencia, a todos los niveles del quehacer universitario, contribuyendo a formar nuevas generaciones de cuidadores del patrimonio y el cuarto campo de desarrollo refiere a la vinculación con la sociedad. Aquí el CENPUC se ha desempeñado aportando con soluciones concretas a problemas del entorno urbano de Santiago, de otras ciudades de Chile y de Latinoamérica. Estos 4 ámbitos de desarrollo muestran la complejidad de la gestión universitaria y la gran oportunidad que ofrece el patrimonio para innovar y contribuir al desarrollo de este tema social en constante transformación.

Benny Schvarsberg Do Plano Orientador da UnB/1962 ao Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro/2023

Ao completar 60 anos, a Universidade resgata sua concepção de instituição planejada- planejadora desde seu Plano Orientador de 1962, assume a construção de um instrumento de planejamento e gestão do território do Campus e sua relação com a cidade nesta próxima década. O Campus da Universidade de Brasília (UnB) previsto no Plano Piloto de Lucio Costa próximo à Esplanada dos Ministérios foi realocado e inserido na Asa Norte do Plano Piloto, frequentado por 50 (cinquenta) mil pessoas da comunidade universitária, sobretudo estudantes provenientes de todo o DF, demais estados e países. Constituiu-se historicamente, desde os primórdios, como um Parque aberto da Cidade. Seus edifícios acadêmicos e administrativos - notadamente o ICC uma megaestrutura de quase 1 km - representam inovações e experimentações construtivas de grande expressão arquitetônica em várias fases da Universidade entremeadas por diversa fauna e flora, acessível a qualquer pessoa em qualquer dia da semana.

O planejamento, gestão e preservação deste generoso Campus-Parque aberto e suas edificações, constituem imenso desafio por estar no centro do Cerrado, a savana mais biodiversa do mundo. Os campi universitários não podem ser vistos isoladamente como ilhas – ou “flores de estufa”, diria Lucio Costa –, mas como microcosmos integrados ao ambiente da cidade, exercendo influência sobre o meio ambiente natural face sua dimensão e complexidade. O Campus, com quase a mesma área territorial da Asa Norte, bairro onde se insere com grande afluxo diário de pedestres, ciclistas, motociclistas, carros e diversas linhas de ônibus, agrega diversas atividades de apoio ao ensino, pesquisa e extensão. O ordenamento do território universitário, particularmente a locação física, projeto e construção de edificações, e agenciamento de seus espaços livres definem a sustentabilidade do Campus, envolvendo questões da morfologia arquitetônica; infraestrutura de mobilidade; de saneamento ambiental; eficiência energética; conservação e gestão sustentável de recursos naturais, de áreas protegidas e áreas verdes; paisagem e patrimônio histórico, artístico e cultural. O Plano pautou-se pela autoria coletiva, múltipla, multidisciplinar e participativa apresentada em sua

metodologia e resultados no trabalho que, em abril último, foi aprovado como Resolução pelo Conselho de representantes dos três segmentos da comunidade.

SESSÃO 1 - Memória Institucional

4 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: José Hermes Martins Pereira (Arquivo Geral - USP)

Manter, derrubar ou ressignificar: o Monumento da Integração da Universidade Federal de Viçosa

Elilson Pedro Marquez Covre, Marcella Fonseca Cassiano, Raquel dos Santos Souza Lima

Em 1976, no cinquentenário da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais, o ex-presidente do Brasil, Emílio Médici, inaugurou uma placa no já existente “Monumento da Integração”. A placa homenageia o Fundo Previdenciário do Trabalhador Rural e os ex-presidentes do período ditatorial brasileiro (1964-1985), Emílio Médici e Ernesto Geisel. Visando estimular as discussões sobre memória e patrimônio cultural entre estudantes do ensino médio do CAp Coluni, foi desenvolvida uma atividade, conduzida por licenciandos de História da UFV, e pela docente do CAp-Coluni. Trata-se de debates feitos pelos estudantes secundaristas que, divididos em grupos, discutiram o que fazer com o monumento: manter, derrubar ou ressignificar. O objetivo principal era introduzi-los nas discussões sobre as derrubadas, ressignificações e manutenção de monumentos históricos (Gomes e Lanes, 2024; Lincopi e Vásquez, 2021). Inicialmente, houve a apresentação do monumento e a contextualização das relações entre História e Memória. Depois, ocorreram os debates propriamente ditos. Este trabalho de educação patrimonial, voltado para a história local, permitiu que os alunos fossem sensibilizados para os sentidos históricos dos monumentos, tema raramente abordado nos livros didáticos, estimulando o pensamento crítico e a contestação de uma narrativa até hoje preservada pela instituição.

Onde se produzem e resguardam os projetos de arquitetura da UnB

Ícaro Ramos Seleme

Em 1962, após a inauguração de Brasília tem início a criação de sua Universidade (UnB). A localização do campus foi prevista no Plano Piloto de Lúcio Costa, todavia coube ao Centro de Planejamento Urbanístico (CEPLAN) o detalhamento da sua ocupação. Na primeira fase de concepção da UnB, Oscar Niemeyer dirigiu esse ateliê de projeto, que existe até hoje como escritório técnico institucional, renomeado Centro de Planejamento Oscar Niemeyer em sua homenagem. Definido atualmente como Zona Histórica, Cultural e Paisagística do Campus Darcy Ribeiro, o conjunto dos primeiros edifícios da UnB é

composto pela Faculdade de Educação, projetada por Alcides da Rocha Miranda, e o Instituto de Artes, feito com sistema pré-moldado elaborado por Lelé. Posteriormente, cria-se o Instituto de Ciências Central, desenhado por Niemeyer, que se desenvolve sem acompanhamento do autor em função do Golpe de Estado no Brasil. Na década de 1970, arquitetos influenciados pela Escola Paulista de arquitetura avançam o núcleo formado pela Biblioteca Central, Restaurante Universitário e Reitoria, desenhados respectivamente por Miguel Pereira, José Galbinski e Paulo Zimbres, além da Faculdade de Direito, construída em concreto aparente por Matheus Gorovitz, em harmonia com as obras daquele período. Objetiva-se descrever uma síntese do crescimento patrimonial do território em escopo, destacando a estética e o processo de concepção das edificações, atribuindo critérios de valoração baseados em teses, artigos e registros especializados. Resulta um relato sobre o uso e apropriação dos espaços universitários pela comunidade acadêmica, de modo a consagrar a influência do ambiente construído sobre a produção de arte e ciência como patrimônio cultural. O método de pesquisa sobre a evolução da forma construída no processo de transformação do campus ampara-se na consulta de desenhos técnicos das construções junto ao acervo do CEPLAN, além de documentos acerca da relevância dos autores citados no contexto nacional.

Pasteur 458: o campus da unirio como um lugar de memória

Vitor Halfen

Esse trabalho explora a relação entre espaço universitário e memória coletiva, compreendendo o espaço como um componente fundamental da construção da memória e da identidade de uma universidade. Em particular, analisa o caso do maior campus da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), localizado no bairro da Urca, na zona sul da capital fluminense, frequentemente referido pelo seu endereço, Pasteur 458. A investigação enfoca as relações históricas deste espaço com episódios de violações de direitos humanos e violências policiais durante o período da ditadura empresarial-militar. A partir da análise de registros fotográficos e escritos dos episódios traumáticos ocorridos neste espaço naquele período, em especial na ocasião da invasão da Faculdade Nacional de Medicina pela Polícia Militar, em 1966, e da demolição arbitrária do edifício em 1976. Soma-se a isso também a coleta e registro de algumas ruínas vestigiais da edificação encontradas e identificadas durante escavações recentes no local. Com base nessa leitura, se propõe o reconhecimento do campus como um importante lugar de memória (Nora, 1993) da resistência popular contra a ditadura empresarial-militar e da luta em defesa da autonomia universitária naquele período. A abordagem teórica parte da leitura de Walter Benjamin (2005), propondo, sob uma ótica que articula história e urbanismo, escovar o espaço à contrapelo, buscando trazer à tona as memórias subterrâneas que se contrapõem à memória oficial da instituição, em diálogo com as categorias propostas por Pollak (1989).

Memória institucional: o patrimônio documental da Universidade Federal do Pará preservado em suas fotografias

Elisangela Silva da Costa, Maria Elvira Rodrigues Coelho

O Jornal Beira do Rio é um periódico de divulgação científica da UFPA criado em 1985. A partir de 2000 este periódico passou a ter a captura de imagens feita por máquinas digitais e o arquivo fotográfico impresso foi doado para o Museu da UFPA, em 2016, este acervo foi doado para o Centro de Memória da Amazônia da UFPA, contudo, até a presente data esse acervo ainda não foi disponibilizado para consulta nem on-line, nem presencial, devido este ainda não possuir uma organização de acordo com padrões arquivísticos. O presente artigo propõe descrever uma das etapas do projeto de Organização do Acervo fotográfico do Jornal Beira do Rio da UFPA, que encontra-se em fase inicial. A pesquisa em tela se classifica como descritiva e exploratória e tem como fundamento a pesquisa-ação. O corpus da pesquisa é composto de 1.177 fotografias. O instrumento de pesquisa utilizado foram formulários impressos, cuja finalidade precípua é: identificar a ação, pessoas ou ambientes que figuram nas fotografias, bem como identificar o período cronológico em que a foto foi produzida. Após a coleta de dados pode-se identificar que 22,5% do corpus refere-se a documentos que versam sobre Eventos acadêmicos; outro assunto muito verificado foi pesquisas científicas (18,8%), posto que elas foram produzidas para ilustrar as matérias do jornal de divulgação científica da UFPA; e, em menor quantidade identificou-se fotografias que versam sobre: Assembleia Universitária (1,4%), Vestibular (1,2%), Reitores (0,8%) e protestos contra a Ditadura militar na UFPA (0,6%). Conclui-se que esta fase é de suma importância para orientar o delineamento de um instrumento de pesquisa que auxiliará uma busca mais eficiente das informações relativas à produção de conhecimento na UFPA.

“CEMENF On-Line”: uso da plataforma “Atom” como solução para a descrição, gestão e difusão do acervo documental do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG

Fernanda Batista Oliveira Santos, Helena Rodrigues Reinhardt, Marcus Marciano Gonçalves da Silveira

O Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG é um espaço de documentação e pesquisa sobre a memória e a história dessa unidade acadêmica e também sobre a memória e a história da saúde, da enfermagem e da nutrição em geral. Seu acervo documental possui registros referentes à fundação e à trajetória da Instituição, reunindo importantes informações sobre a implantação do ensino e da prática de enfermagem em Minas Gerais. Com o suporte da Rede de Museus da UFMG, a informação sobre seu acervo foi reestruturada e transposta de listagens sumárias para uma base de dados acessível via web, resultando na plataforma “CEMENF On-Line”. Utilizou-se, para tanto, o software livre Atom (Access to Memory). A digitalização do

acervo também permitiu a inserção de mais de 3.000 objetos digitais à base de dados, tornando disponível um rico acervo iconográfico e textual, observando-se critérios de privacidade e confidencialidade exigidos pela legislação vigente. A partir do arquivo pessoal da Professora emérita Roseni Rosângela de Sena, doado por sua família e incorporado ao acervo em 2016, foi possível também avaliar a eficácia do software na organização de arquivos pessoais com base em um arranjo por funções desempenhadas. Ao ampliar o acesso à informação referente aos serviços historicamente prestados pela Escola de Enfermagem da UFMG à comunidade, a plataforma “CEMENF On-Line” constitui importante recurso de divulgação científica e de interação com o público em geral, potencializando as ações extensionistas do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG.

SESSÃO 2 - Patrimônio edificado e preservação

4 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: *Claudia Garcia (FAU-UnB)*

Documentação do E1: arquitetura moderna e tecnologia para a EESC USP, 1956-60

Ana Lúcia Cerávolo, Ana R. M. Cuperschmid, Márcio Minto Fabrício

O edifício denominado E1, construído no campus da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos, em meados da década de 1950, integra o debate sobre a racionalização e pré-fabricação das construções, que alinha os esforços projetuais de uma parcela dos arquitetos brasileiros ao desenvolvimento tecnológico da indústria da construção civil. Sede da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), o E1 foi projetado por Hélio de Queiroz Duarte (RJ, 1906 – SP, 1989) e Ernest de Carvalho Mange (SP, 1922 – SP, 2005). Embora o edifício seja uma obra relevante para o país, permanece sem proteção legal, enfrentando desafios comuns a edificações de concreto armado construídas entre as décadas de 1930 e 1960, cujo tempo de vida útil já ultrapassa cinquenta anos, marco para intervenções de reparo e conservação. Este trabalho visa aprofundar o conhecimento histórico sobre o projeto e sua construção, estudando seu estado atual de conservação e suas patologias. A documentação por meio de tecnologias digitais, utilizando o processo HBIM, é uma aliada neste projeto, contribuindo para a conservação, sensibilização e conscientização do público. Os resultados permitem disponibilizar informações sobre o bem cultural, garantindo acesso a dados do projeto para a difusão e aprendizado no ensino de arquitetura e urbanismo, por exemplo. O processo aplicado no presente trabalho pode ser ampliado a outras edificações, favorecendo que o patrimônio arquitetônico moderno seja documentado e valorizado.

Requalificação do Museu Casa Padre Toledo em Tiradentes: democratização do acesso ao patrimônio e à arte através de ações de preservação

Giulia Villela Giovani, Lorena Mello Martins, Verona Segantini

O Museu Casa Padre Toledo (MCPT), integrante do Campus Cultural UFMG em Tiradentes, é um espaço fundamental para a difusão da história de Minas Gerais, recebendo cerca de 30 mil visitantes anualmente e promovendo a democratização do conhecimento, patrimônio e artes. Instalado em uma residência histórica do inconfidente Padre Carlos Correia de Toledo, o museu destaca-se pela arquitetura colonial e

elementos artísticos integrados. Durante a pandemia, o museu focou na preservação de seu acervo e edificação, iniciando em 2021 a restauração das pinturas parietais e de duas telas do século XVIII, envolvendo estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais e profissionais da área. A reabertura do museu ao público foi impulsionada pelos processos de restauração em andamento, que incluíram visitas técnicas e campanhas de incentivo à visitação, amplamente divulgadas nas redes sociais. As atividades de restauração não só preservaram as obras, mas também geraram oportunidades de ensino, pesquisa e extensão. Estudantes e profissionais tiveram a chance de aprofundar seus conhecimentos, considerando os inúmeros desafios que surgiram ao longo do processo, além de desenvolverem habilidades práticas críticas essenciais para a profissão, enquanto a comunidade, se envolveu em atividades que promoveram a difusão do conhecimento e a valorização da cultura em suas diversas manifestações. Essas iniciativas reforçaram o papel do MCPT como um espaço dinâmico de educação e cultura, conectado à comunidade e comprometido com a preservação e celebração do patrimônio cultural.

Mapeamento das atividades de Operação & Manutenção para a mitigação dos riscos no Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Marcus Vinicius Rosário da Silva, Sheila Walbe Ornstein

Os museus têm a responsabilidade de salvaguardar suas coleções e patrimônio edificado. As atividades de suporte que integram o gerenciamento da operação e manutenção (O&M) tem o potencial de mitigar os riscos provenientes das atividades finalísticas, tais como exposição de objetos, conservação das coleções, aulas/cursos/palestras e os próprios edifícios que abrigam museus. Neste sentido, este trabalho visa identificar os principais riscos provenientes das atividades citadas e mapear os processos de O&M que possam auxiliar na mitigação das situações de risco no caso do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Adotou-se a condução de oficinas de cocriação, no período de março a junho de 2022, organizadas em seis diferentes grupos, a saber: (a) Conservação de Acervo; (b) Infraestrutura; (c) Educativo; (d) Administrativo; (e) Apoio institucional; e (f) Docentes. Os 35 participantes assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. De forma geral, a atividade consistiu em duas etapas. A primeira concentrada na identificação dos riscos naturais-exógenos (p. ex. chuvas e pragas), naturais-endógenos (p. ex. sujidade e obsolescência dos equipamentos), antrópicos-exógenos (p. ex. furto de veículos e potencial pichação) e antrópicos-endógenos (p. ex. retrabalho e fluxos de comunicação interna). A segunda, visou mapear os procedimentos de O&M – agrupados em quatro seções - gestão de espaços, de serviços, manutenção e administrativa – como suporte a mitigação dos riscos supracitados. Como resultados, 117 riscos e 82 procedimentos de O&M foram evidenciados. Estas oficinas de cocriação permitiram destacar a complexidade do estudo de caso com vistas ao atendimento de sua missão institucional.

O morar laboral da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira: memórias da Vila Operária da Rua Oriental

Verônica Alvarenga Pereira

O presente artigo busca apresentar uma pesquisa histórica e pessoal, a qual teve por objetivo investigar as residências de funcionários da Universidade de São Paulo (USP) dentro da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO). Com o suporte do acervo da universidade e da memória oral dos que moraram no campus, durante seu período de construção, buscou-se entender a organização das casas e as apropriações dos operários e suas famílias naquele momento. Destaca-se nesse estudo a Vila Operária da Rua Oriental que continha um conjunto de trinta unidades e abrigava a casa do operário da construção civil, João José Pereira, meu avô paterno.

SESSÃO 3 - Acervos, preservação e gestão de coleções universitárias

4 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: *Ina Hergert (Museu Paulista - USP)*

Desafios para gestão do Acervo Artístico da UFMG

Ana Martins Panisset, Giulia Villela Giovani

O artigo apresenta e discute os desafios de gestão e os protocolos desenvolvidos para o Acervo Artístico da UFMG, considerando as peculiaridades decorrentes da diversidade formal e conceitual do acervo, assim como de sua inserção no contexto patrimonial universitário. Reunido ao longo dos 97 da UFMG, o Acervo conta com cerca de 1.500 obras que constituem uma coleção de expressiva abrangência temporal, se destacando também pela diversidade tipológica de materiais, técnicas, estilos e suportes. Parte das obras estão acondicionadas no Espaço Acervo Artístico UFMG, em uma reserva técnica visível. As demais obras estão distribuídas pelas diversas unidades da UFMG. A formação deste acervo ocorreu sem um projeto específico, tampouco sem intencionalidade ou recorte conceitual histórico ou artístico, o que se refletiu em diversos problemas relacionados à sua destinação, alocação, gestão e organização documental. Diante de tais desafios pretendemos, com a aplicação dos protocolos elaborados, criar condições para que esse rico acervo se torne um laboratório capaz de contribuir na inovação e na excelência de projetos acadêmicos. A fim de problematizar a inserção e a formação de acervos nas universidades, o texto discute aspectos que envolvem a história e o desdobramento de ações que perspectivam o reconhecimento e a salvaguarda deste acervo. Descrevemos aqui as principais ações desenvolvidas pelos projetos de documentação e gestão do acervo, apresentando os pressupostos, a metodologia, essenciais para o desenvolvimento de políticas de gestão de acervos no âmbito universitário, visando à sua integração com as ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade.

Conservação preventiva de trajes da Cia. Cinematográfica Vera Cruz (1949–1954): Um estudo detalhado de cinco trajes do filme “Tico-Tico no Fubá”

Isabela Porto de Oliveira Peruzzi

Este projeto de pesquisa aborda a conservação preventiva de trajes da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, importante marco no cinema brasileiro, com ênfase entre os anos de 1949 e 1954. A Vera Cruz, como ficou conhecida, tem forte valor histórico e cultural para a sociedade paulistana e brasileira: foi pioneira do cinema nacional, no

seu modo de operar, e faz parte do cenário social e cultural dos anos de 1950, e mesmo depois dele, pois seus técnicos, depois da finalização das atividades da empresa, assumiram importantes cargos no cinema, na televisão nascente, nas propagandas e muitas outras atividades, incluindo a criação e confecção de trajes de cena, razão de ser deste projeto. Conservar esse acervo é de fundamental importância para a memória, pois os trajes oferecem importantes registros para pesquisa: cor, forma, volume, artesanaria e confecção, formas de construção e costura. A conservação preventiva é uma das primeiras e mais importantes etapas no trato com o acervo, por protegê-lo e minimizar maiores deteriorações ou perdas, garantindo o acesso desse patrimônio - um documento já quase centenário - para as gerações presentes e futuras. O acervo, composto por cerca de 1300 peças, pertence hoje à prefeitura da cidade de São Bernardo do Campo, mas está cedido para pesquisa na Escola de Comunicações Artes, sob os cuidados do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia da USP.

CEDOC NTVRU: os desafios no restauro das mídias em Betacam da TV Universitária

Charles Douglas Martins

O CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa) é um laboratório dedicado a documentação, pesquisa e digitalização do acervo da TV Universitária para integra-lo as coleções que compõe a Rede de Museus Universitários da UFPE, disponibilizando uma importante fonte de pesquisa acadêmica e pública sobre a história da televisão pública. O acervo é composto por produções televisivas, entrevistas, documentários programas de televisão, armazenados em fitas magnéticas em formatos (betacam, minidv, u-matic) que representam um enorme desafio no seu manuseio: restauro de fitas, integridade na captura para o formato digital, manutenção de VTR2 e placas de captura analógica fora de linha de fabricação. Outrossim, o CEDOC tem um dos objetivos específicos a digitalização do acervo de fitas betacam da TV Universitária UFPE, documentação dos metadados descritivos sobre fitas que compõe o acervo e a salvaguarda para novas mídias. A pesquisa revelou uma conclusão preocupante quanto os acervos oriundos de mídias analógicas: apesar das fitas magnéticas terem sido projetadas para ter uma durabilidade de armazenamento por décadas, os VTRs que reproduzem essas fita não tiveram a mesma sorte. Estes equipamentos saíram da linha de fabricação tornando cada vez mais complexo reproduzir essas mídias descontinuadas. O artigo destaca urgência de digitalização antes que se tornem irreprodutíveis.

Práticas e Ética na Manutenção de Coleções Científicas Universitárias: Uma Análise da Intersecção entre Museologia e Medicina

Jéssica Tarine Moitinho de Lima, José Guilherme Veras Closs, Mariana Matera Veras

Estabelecer parâmetros confiáveis nas práticas de preservação de coleções universitárias é fundamental, especialmente na área médica, onde a integridade dos acervos depende da qualidade desses padrões. Este estudo investiga a intersecção entre museologia e medicina, focando nas práticas de preservação de coleções científicas, especialmente as de corpos humanos. A pesquisa analisa como técnicas de conservação e políticas éticas são aplicadas na gestão dessas coleções, utilizando uma metodologia que combina análise histórica e crítica das práticas envolvidas. Os resultados mostram uma evolução nas práticas de manutenção, refletindo avanços tecnológicos e mudanças éticas sobre o tratamento de remanescentes humanos. Conclui-se que as práticas de manutenção preservam o valor científico e educacional das coleções, respeitando a dignidade das vidas representadas. Destaca-se a necessidade de políticas robustas que harmonizem requisitos científicos e éticos.

Os desafios para a preservação do patrimônio de ciência e tecnologia das universidades: o caso do Museu Histórico da FMVZ USP

O Museu Histórico da FMVZ USP foi oficialmente inaugurado em dezembro de 2004, a partir da formação e divulgação de um núcleo de acervo relacionado a memória institucional, localizado no setor administrativo da Faculdade.

Em 2019, por ocasião das comemorações do centenário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, o Museu Histórico da FMVZ passou por uma grande transformação: inventário das coleções, processo de limpeza, higienização e restauro dos objetos, projeto e construção de um novo espaço mais acessível para o Museu e inauguração de uma nova exposição. Nesta data, o Museu foi batizado com o nome do seu idealizador, tornando-se assim o Museu Histórico Prof Dr Cássio Xavier de Mendonça Júnior da FMVZ USP.

O acervo do Museu é composto por quase 500 itens relacionados a história institucional, entre documentos, fotografias, objetos históricos e artístico, além de muitos equipamentos utilizados em sala de aula e nos laboratórios.

O Museu Histórico da FMVZ USP possui um acervo expressivo e especializado sobre a história do ensino e da pesquisa da Medicina Veterinária, o que o torna bastante relevante para os interessados em conhecer e estudar esta área do conhecimento científico.

A proposta de apresentar uma comunicação que trate do MH FMVZ USP no 3º Seminário Patrimônio Cultural Universitário do CPC USP tem por objetivo expor e debater o tema do patrimônio de ciência e tecnologia das universidades, na perspectiva de ressaltar a importância da sua historicidade e os desafios que envolvem as ações de formação deste tipo de acervo, a sua salvaguarda e comunicação de um tema especializado para a sociedade.

SESSÃO 4 - Acervos, formação e caracterização de coleções universitárias

5 de setembro de 2024 // 13H30 às 15H30

Mediação: *Ina Hergert (Museu Paulista - USP)*

A Coleção de Taxidermia do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto e suas potencialidades acadêmicas e sociais

Edson Fialho de Rezende, Leandro Benedini Brusadin

O presente artigo tem como objetivo caracterizar a Coleção de Taxidermia do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (MCT/EM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), destacando suas potencialidades acadêmicas e sociais como Patrimônio Cultural Científico e Tecnológico (PCC&T) da instituição. A referida coleção possui exemplares importantes para os estudos da fauna regional, incluindo algumas espécies ameaçadas de extinção. Encontra-se armazenada na Reserva Técnica do MCT/EM, com acesso limitado ao público acadêmico e poucas ações voltadas para o processo de produção e disseminação do conhecimento. Para o desenvolvimento do método, serão realizados estudos em produções literárias que discutem problemáticas similares ao cenário atual da coleção, assim como levantamento in loco de dados informacionais. A atenção será direcionada para os modelos de apropriação a partir de um determinado contexto museológico e das adversidades encontradas nos usos e nas demandas da coleção para o ensino, pesquisa e extensão, que, conseqüentemente, poderão influenciar as políticas de manutenção e desenvolvimento. Espera-se que os resultados revelem, por meio de uma análise descritiva, os valores e os significados da referida coleção, com atenção à sua caracterização, representatividade, desafios e compromisso perante o campo acadêmico e social. Assim, presume-se que a conclusão contribua para o campo científico, justifique e viabilize políticas para o desempenho da instituição universitária em seu compromisso com a preservação de seu patrimônio cultural.

Museu Casa do Sertão UEFS: 46 anos pautando a memória cultural de Feira de Santana BA

Cristiano Silva Cardoso

A Região conhecida por Portal do Sertão localiza-se numa transição entre zona da mata e o sertão baiano, nela se congregam riquezas e diversidades, advindas do encontro de pessoas e histórias representativas do imaginário sobre “o ser nordestino”, resultando numa cena cultural diversificada em que iniciativas individuais, comunitárias e de equipamentos públicos como centros culturais, museus e espaços

abertos, voltam-se a atender as demandas por formação, cultura, lazer e patrimônio. A presente proposta busca transitar pelo patrimônio enquanto categoria de análise, alinhando informação, percepção e aprendizagem na cidade de Feira de Santana BA, focalizando as ações do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). A instituição fundada em 1978 pelo Lions Club reúne coleções relacionadas aos artefatos de usos e costumes, criações artísticas populares, itens documentais e bibliográficos, tem por desafios encantar e conectar gerações, por meio dos seus acervos e de convidados, em pautas expositivas e ações culturais e educativas. Propõe-se numa abordagem qualitativa, analisar num panorama reflexivo, como o pioneiro entre os museus da UEFS tem pautado importantes mudanças no trato com suas coleções e o público a fim de incluir temáticas como diversidade e inventividades. Entre os seus resultados mais relevantes constam a percepção deste enquanto espaço multirreferencial de aprendizagem e difusão da estética e da cultura sertaneja, em diferentes temporalidades e espacialidades. Outro ponto é a criação de novas frentes de atuação como o Memorial Eurico Alves Boaventura, que endossa a importância e o legado intelectual deixado pelo ilustre feirense. Da mesma forma, são apresentadas as instalações do Centro de Memória dos Povos Indígenas do Nordeste – ANJUKA, que agora se materializa como um espaço voltado para reunir acervos audiovisuais, bibliográficos, etnográficos, projetos de pesquisa e extensão sobre e com os povos indígenas.

A Rádio da Universidade como Patrimônio Cultural

Marcelo Aguiar Coelho de Souza, Anna Paula Moura Canez

O estudo a seguir propõe compreender a Rádio da Universidade, emissora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como um patrimônio cultural imaterial passível de registro por instituições competentes. Para tanto, analisam-se aspectos da prática radiofônica da emissora, sua produção, trajetória e acervo capazes de lançar luz para a importância no contexto acadêmico e da cidade de Porto Alegre. A partir do levantamento de mecanismos de registro, acervo documental, bem como de precedentes que possam contribuir para a investigação proposta, o estudo busca respaldo para a compreensão da emissora como um patrimônio cultural imaterial e para a formalização do seu registro pelos meios válidos e apropriados. Tal reconhecimento para a Rádio da Universidade caracteriza-se como um ato de resistência, permanência e de valorização institucional da emissora como mecanismo produtor e difusor de conteúdos educativo e cultural. O título de patrimônio cultural imaterial pode auxiliar para que se vislumbrem novas perspectivas e ações práticas capazes de garantir um futuro produtor e valioso à primeira rádio universitária do país.

A Proteção do Patrimônio Cultural de Universitário pelos Documentos da Universidade Federal de Pernambuco

Tiago Alexandre da Silva Valle, Marcus Granato

A pesquisa que fundamenta este texto está sendo desenvolvida no âmbito do curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As reflexões expressas neste artigo advêm de um dos objetivos específicos da pesquisa adaptado para este 'III Seminário do Patrimônio Cultural Universitário': compreender a legislação relacionada ao patrimônio cultural brasileiro, direcionada aos museus e às coleções visitáveis, correlacionando-a aos documentos produzidos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O método de pesquisa adotado foi a análise documental. Assentados nas pesquisas, verificamos que a UFPE nos últimos vinte anos vem constituindo um arcabouço legal para proteger o seu patrimônio cultural. A temática passou a compor a legislação basilar da Instituição como o Estatuto, o Regimento Geral, o Planejamento Estratégico Institucional e o Plano de Desenvolvimento Institucional. Como consequência, alicerçou a criação de resoluções específicas relacionadas aos bens culturais da Universidade. Os estudos realizados, indicam que a UFPE produziu normas institucionais consonantes com a legislação e com as proposições nacionais em prol da preservação do Patrimônio Cultural Universitário.

SESSÃO 5 - Educação patrimonial

5 de setembro de 2024 // 13H30 às 15H30

Mediação: Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz (CPC-USP)

A mediação do patrimônio universitário: desafios da formação de bolsistas de graduação

Adriana Mortara Almeida, Wellington Luiz Silva, Marcus Silveira

O capítulo trata do desafio de realizar a formação de estudantes de graduação para atuarem como educadores nos museus universitários. A universidade tem papel fundamental na formação em inúmeras áreas de conhecimento e não deveria ser diferente no caso da educação museal. Por meio da atuação como educadores em museus universitários, estudantes de graduação estão aprendendo na prática, entretanto para garantir a qualidade do trabalho é preciso trazer aportes teóricos e metodológicos da área de educação museal, assim como das áreas de conhecimento tratadas nos diferentes museus. Ao trazer duas experiências realizadas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - um "Guia para educadores/as do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG" e um curso a distância elaborado como parte de um projeto da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG - pretende-se ampliar o debate sobre o tema e apontar conquistas e limites das ações relatadas.

Patrimônio, Universidade e Sociedade: A UnB e suas potencialidades como Patrimônio Cultural no território brasiliense

Cláudia da Conceição Garcia, Maria Claudia Candeia de Souza, Kairon Alves da Silva

Este artigo apresenta um projeto que engloba ações de pesquisa, ensino e extensão no âmbito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de Brasília (UnB) focado em educação patrimonial e vinculado à rede de Casas Universitárias de Cultura da UnB. Desenvolvido em parceria com outras unidades acadêmicas, o projeto ressalta a necessidade de estratégias para valorizar, divulgar e preservar o patrimônio universitário, essencial à identidade e história da cidade. O artigo detalha os objetivos específicos do projeto, destacando a gestão do conhecimento, participação social e colaboração interinstitucional como elementos centrais. Três experiências de valorização cultural e histórica foram fundamentais: um estágio pós-doutoral no CPC/USP, iniciativas de pesquisa e extensão em conservação na Universidade de Pelotas, e pesquisa de campo realizada na Escola de Arquitetura para Crianças do arquiteto Toyo Ito (Kodomo Kenchiku Juku) em Tóquio. O projeto buscou fortalecer a relação universidade-cidade, reconhecendo o patrimônio universitário como base para o desenvolvimento cultural, social e educativo da comunidade.

Cartilha de Educação Patrimonial: Sítio Histórico Moderno da UFPE

Andréa Gati

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar a proposta para confecção de uma cartilha de educação patrimonial como ponto de partida de um conjunto de ações que buscam a salvaguarda do Patrimônio Moderno, arquitetônico, urbanístico e paisagístico, do Campus Joaquim Amazonas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, localizado no Recife. A construção do Campus da UFPE tem início em 1949 com a chegada ao Recife do professor e arquiteto italiano Mario Russo. São de autoria dele o desenho urbano e as primeiras edificações construídas. Além de Russo, vários representantes da “escola pernambucana” projetaram edifícios modernos no Campus, construídos nas décadas de 1950 e 1970. Com as pesquisas bibliográficas, documentais e de campo identificamos mais de vinte exemplares. Este conjunto pode ser considerado um “sítio histórico moderno”, dada a quantidade e qualidade de exemplares agrupados em uma só gleba, e cuja originalidade e autenticidade em sua maioria estão preservados. Como arquiteta e urbanista da Superintendência de Projetos e Obras da UFPE, pude constatar que a desinformação acerca do valor histórico e cultural dos edifícios e traçado do Campus prejudica a sua conservação. A ação de educação patrimonial proposta tem como objetivo promover o conhecimento, e assim o reconhecimento do seu valor, de modo a sensibilizar à proteção. A confecção de uma cartilha de educação patrimonial busca sensibilizar a coletividade sobre a importância da preservação desse sítio histórico. A cartilha é, portanto, uma ferramenta de informação e formação de uma comunidade de futuros agentes preservacionistas.

SESSÃO 6 - Referências culturais, inventário de saberes e formas de expressão universitária

5 de setembro de 2024 // 13H30 às 15H30

Mediação: Sofia Diogo Braga (CPC-USP)

Rede, Roda e Rolê: um percurso afetivo na Universidade de Brasília

Constanza Ceschin Manzochi, Marina Botelho Gardés, Milena de Souza

A Universidade de Brasília surgiu sob os ideais de renovação do sistema educacional brasileiro, pautados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Com plano urbanístico original de Lúcio Costa e primeiras edificações por Oscar Niemeyer e João Filgueiras Lima, o Campus Darcy Ribeiro teve em seus anos iniciais uma história de resistência política, abrindo caminho para manifestações socioculturais múltiplas desde a redemocratização do país. Atualmente, a diversidade de expressões culturais no ambiente universitário é variada, mas pouco divulgada entre a população do DF e dentro da própria universidade. Na busca por estimular e expandir o alcance dessa diversidade cultural, desenvolveu-se uma atividade de Educação Patrimonial no âmbito da Universidade, com foco em alunos do Ensino Médio e recém ingressados à UnB. A proposta consiste em um percurso afetivo, denominado “Rede, Roda e Rolê na Universidade de Brasília”. Por meio de uma caminhada guiada pelo Campus e de atividades desenvolvidas em três espaços diferentes, pretende suscitar o conhecimento sobre o patrimônio material e imaterial da UnB. A proposta visa apresentar as dinâmicas socioculturais existentes na universidade e, paralelamente, inclui a história da UnB, os ideários sócio-políticos de seus fundadores e seus espaços arquitetônicos, sem perder de vista as prerrogativas de integração, convivência e diversidade estipuladas por Darcy Ribeiro. As vivências acontecerão em três espaços: Memorial Darcy Ribeiro - conhecido como Beijódromo, Teatro de Arena - onde ocorrem as batalhas de rap da Batalha da Escada, e Maloca - Centro de Convivência Indígena. Este trabalho apresenta proposta desenvolvida na Disciplina Estudos Especiais em Patrimônio e Preservação 2 do Programa de Pós-graduação da FAU/UnB, com as professoras Cláudia da Conceição Garcia e Maria Cláudia Candeia e é parte integrante do Projeto “Patrimônio, Universidade e Sociedade: A UnB e suas potencialidades como Patrimônio Cultural no território brasileiro” vinculado as Casas Universitárias de Cultura da DDC/DEX/UnB.

Identificando referências culturais com os universitários da USP São Carlos: da universidade à cidade

André Frota Contreras Faraco, Simone Helena Tanoue Vizioli

O objetivo do trabalho é apresentar experiências de identificação de referências culturais com os universitários do campus USP São Carlos por meio de ações de Educação Patrimonial e de ação participativa ao longo de pesquisas e atividades de cultura e extensão do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC) desde 2021. A primeira experiência se trata do @INVENTARIO.USP.SC, realizada com os alunos de graduação do campus USP São Carlos, entre 2021 e 2022, que consistiu em um processo educativo desenvolvido em etapas, e cujos resultados foram teorizados pelos participantes em um Inventário Participativo disponibilizado no instagram. O objetivo foi desnaturalizar e problematizar o cotidiano universitário a fim de identificar as práticas culturais e as interfaces que permitem operacionalizá-las. A segunda experiência se trata de uma ação participativa de mobilização de vivências realizada no contexto da pesquisa “Patrimônio cultural e representação: identificação de referências culturais nas praças da região central de São Carlos-SP”. A experiência contou com uma ação participativa que envolveu os alunos da graduação na Praça Coronel Salles, região central da cidade e importante local cívico-cultural. Propôs-se aos alunos a elaboração de um desenho que representasse o que mais chamava a atenção deles no lugar. Depois, eles foram submetidos a uma entrevista estruturada. Para além dos resultados das próprias ações – que pode-se elencar, como a própria identificação de referências culturais, a construção coletiva de conhecimento, a teorização e comunicação do Patrimônio Cultural universitário – as ações estão se constituindo em uma prática sistemática que abrange a escala da cidade (afinal, a universidade está situada no determinado contexto urbano) e que se caracteriza como práxis pedagógica, pois são atividades práticas orientadas pela teoria que se remete à ação na realidade.

Por um inventário da capoeira na USP

Vitor Miranda Ciochetti

As relações entre a capoeira e as instituições universitárias podem ser observadas já na primeira metade do século XX, especialmente no estado da Bahia, momento em que a capoeira é alçada a símbolo da identidade nacional e que se constituem as suas duas principais escolas: a Capoeira Regional do mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado) e a Capoeira Angola do mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha). De uma prática criminalizada no código penal de 1891, atualmente a capoeira desfruta de amplo prestígio, especialmente pelo seu reconhecimento como patrimônio cultural nacional, em 2008 pelo IPHAN, e patrimônio cultural da humanidade, em 2014 pela UNESCO. Neste trabalho, propõe-se apresentar a presença da capoeira na USP, destacando a atuação de mestres e mestras que, por meio de uma série de articulações com

determinados segmentos da universidade, conseguiram institucionalizar a sua prática em diferentes campos disciplinares e espaços do campus Butantã. Na USP, se sabe que sua presença data desde a década de 1970, momento em que mestre Gladson (Gladson de Oliveira Silva) inaugura sua prática no Centro de Práticas Esportivas (CEPE -USP). Desde então, diferentes outros mestres e mestras já marcaram sua presença no campus Butantã e tornaram-se fonte de interlocução entre os saberes acadêmicos e saberes populares afro-brasileiros, por meio da realização de cursos, projetos de extensão e produções acadêmicas. Neste sentido, busca-se pensar a capoeira como um patrimônio cultural universitário, permeada por disputas e construção de alianças, e que merece atenção por parte dos órgãos e setores da universidade preocupados com a preservação do patrimônio imaterial afro-brasileiro, apontando a produção de um inventário da capoeira na USP como possibilidade de sua valorização e de seu reconhecimento pela comunidade universitária. Por fim, apresentamos o exemplo de inventariamento da prática da capoeira na USP por meio da experiência do Núcleo de Artes Afro-brasileiras.

SESSÃO 7 - Acervos, memória e vida universitária

6 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: Inês Gouveia (IEB-USP)

A biblioteca da FAUUSP como patrimônio cultural universitário

Anne Mayara Almeida Capelo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar as coleções bibliográficas especializadas presentes em bibliotecas universitárias como objeto de interesse do patrimônio universitário. Constituídas por livros e outros materiais impressos, estas coleções dizem respeito ao ensino e à pesquisa realizadas nas faculdades e institutos. Para que a relação entre bibliotecas, memória e patrimônio universitário seja tratada, propõe-se a apresentação de um estudo de caso baseado na formação da coleção da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). A biblioteca da faculdade, em seus 75 anos de funcionamento, não acumula apenas livros, desenhos arquitetônicos, fotografias, diapositivos, revistas, teses e folhetos. A instituição guarda histórias entrelaçadas ao seu funcionamento cotidiano. Nessas histórias, alunos, professores, bibliotecários, mudanças intelectuais, regimentos universitários, fenômenos e fracassos editoriais, ideias, conflitos, técnicas de preservação e organização, divergências, negociações, interesses e expectativas de agentes diversos estão presentes. Portanto, é nesta história de dimensões diversas que se pode compreender esta coleção como resultado de forças e tensões promovidas por vários agentes da universidade, uma coleção que se lê como indício material dos valores e práticas cotidianas presentes na Faculdade.

As iniciativas museais na trajetória da Universidade de Brasília

Raniel da Conceição Fernandes

Desde sua origem, a Universidade de Brasília – UnB havia sido gestada com presença de museus em sua estrutura, conforme estabelecido em seu Plano Orientador de 1962. Porém, tais espaços nunca foram implementados, o que traz questionamentos sobre as razões para frustração de tais empreendimentos. No decorrer de sua trajetória institucional, foram implantadas, formadas e desenvolvidas outras propostas de museus, coleções e espaços de preservação e divulgação do patrimônio artístico, científico e histórico da universidade. O presente trabalho objetiva apresentar um levantamento descritivo das iniciativas e dos espaços museais constituídos na Universidade de Brasília ao longo de sua história e, em especial, do mais recente projeto de estruturação do Espaço de Memória da UnB – SG 10, elaborado em 2023. Diante das dinâmicas e especificidades da realidade universitária, são observados os atores e os processos

museais sugeridos e os formalmente criados. Para tanto, tendo como base uma aproximação exploratória, parte de pesquisa bibliográfica e documental acerca da história da universidade e de seus espaços, analisando registros e documentos disponíveis no Arquivo Central da UnB e em repositórios institucionais. Nota-se que geralmente os espaços são iniciativas individuais ou setoriais, havendo a necessidade de inclusão dos museus no âmbito do planejamento estratégico da UnB, com a disponibilização de orçamentos específicos, profissionalização da gestão, formalização e inserção das instituições no organograma, permitindo assim a melhor estruturação, gestão e ampliação dos espaços museais existentes ou em processo de implementação.

A Biblioteca da Faculdade de Direito da USP: das edificações tombadas ao patrimônio cultural digital

Rosana Sampaio Pinheiro

Esta pesquisa pretende desenvolver a hipótese de que o patrimônio cultural digital da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo funciona como complemento aos bens culturais móveis, considerando, ainda, a inserção no patrimônio edificado tombado. A Biblioteca da FDUSP é mais antiga do que a própria Faculdade, com origens no século 18. Por sua vez, em 1987, iniciou-se o processo de informatização do acervo e, em 1993, houve o lançamento do Dedalus - Banco de Dados Bibliográficos na Internet. Por isso, o presente trabalho, de vertente metodológica jurídico-social e do tipo genérico jurídico-histórico, investiga, em base teórica doutrinária e normativa, em que medida a proteção integrada ao patrimônio cultural - dos bens culturais móveis ao patrimônio digital - no que tange à Biblioteca da FDUSP, possibilitaria, à comunidade universitária, o exercício efetivo do direito ao patrimônio cultural. Para isso, parte-se do marco teórico que propugna pela autonomia didática e científica do Direito do Patrimônio Cultural, a fim de se analisar os aportes tecnológicos atrelados ao acervo digital e ao acervo analógico digitalizado, de que resultaria um dinamismo em harmonia com a tradição. Dessa forma, a Biblioteca, que é também lugar de memória, transcende a materialidade em prol do acesso, fruição e criação do patrimônio cultural universitário, em atendimento ao princípio da solidariedade intergeracional.

O Acervo do Centro de Memória da Amazônia da UFPA: Os processos crimes e as questões ambientais nos séculos XIX e XX

João Marcelo Barbosa Dergan

O Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará CMA/UFPA guarda um acervo documental oriundo do Tribunal de Justiça do Pará, desde 2007. Entre os documentos destacamos os processos crimes dos séculos XIX até meados do XX. Nessas fontes inéditas, pudemos etnografar e ler com profundidade histórica, os contextos ambientais em espaços rurais e urbanos do estado do Pará. Ao cruzar fontes e referenciais da história ambiental e social da Amazônia, como Mourão (2024), Pádua (2016), entre outros, verificamos usos e exploração de recursos naturais e florestais e inferimos questões passado-presente das regulações destes recursos na Amazônia, que tão caros a intenção da floresta em pé na sustentabilidade contemporânea. Além de frisarmos também a importância para a gestão e pesquisa deste Acervo e de documentos inéditos que estão sob a guarda da UFPA. A gestão documental avança desde a fundação do CMA/UFPA, no sentido de catalogar, digitalizar e disponibilizar a sociedade documentos e fontes de interesse da sua própria História. Gestão e pesquisa na Amazônia trazem a luz novas questões sociais e ambientais que marcam a História. São dessas marcas que narramos aqui.

A preservação dos objetos tecnológicos cinematográficos no contexto da conservação de coleções universitárias de bens culturais científicos

Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo, Vitor Marquês Assis, Beatriz Barradas Cordeiro

O presente artigo tem como objetivo discutir a preservação, acessibilidade e extroversão por meio do desenvolvimento de metodologias de conservação, preservação e musealização do Acervo Imagens de Minas, pertencente à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, vinculado à rede de Museus Universitários, cujo objetos nele depositados são de características fílmicas, fotográficas, iconográficas e objetos tridimensionais científicos relacionados à produção cinematográfica Brasileira. O patrimônio audiovisual é amplamente reconhecido pelo seu produto final, o filme, e é sobre ele que costumam recair as principais medidas de proteção, mas para além das imagens em movimento, ele também é composto de uma variedade de elementos que se apresentam em uma gama de suportes como: os roteiros, os cartazes, os figurinos e, além desses, também fazem parte desse patrimônio os os objetos de produção e reprodução da tecnologia audiovisual, sem os quais o próprio filme é incapaz de existir. O objetivo é interdisciplinar com abordagem no ensino, pesquisa e extensão na área de preservação por meio da pesquisa de novas técnicas, procedimentos e materiais também com grande ênfase nas atividades voltadas para a extroversão e musealização das coleções

científicas cinematográficas voltadas ao fazer cinematográfico e à preservação. A metodologia contemplou à pesquisa e inventário do acervo tridimensional, pesquisa das técnicas construtivas do acervo, seleção do acervo e a de critérios de conservação para extroversão, pesquisa da obsolescência tecnológica e do processo de musealização deste rico conjunto que integra o patrimônio científico e cultural da Universidade Federal de Minas Gerais. Ao final destacou-se como as técnicas construtivas deste objetos contribuem para as pesquisas no âmbito da conservação-restauração de bens culturais móveis e como a permanência e conservação dos objetos cinematográficos garantem a musealização de itens do acervo no contexto das coleções universitárias.

SESSÃO 8 - Patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos campi

6 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: Matheus Bonini Machado (CPC-USP)

Patrimônio arquitetônico no Campus Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo. Documentação para uma conservação

Vitória Margotto Barroca, Renata Hermann de Almeida

Em 2024, a Universidade Federal do Espírito Santo comemora setenta anos de sua criação, regulamentada por Decreto em 1954 e federalizada em 1961. Nessa duração, inicia-se a ocupação do Campus Goiabeiras em 1966, objeto teórico e projetual de pesquisa conduzida com o objetivo de reconhecer permanências e persistências arquitetônicas. A partir da desapropriação de terreno pertencente ao Victoria Golf & Country, é iniciado o processo de edificação do conjunto arquitetônico, ocupando uma área na porção continental de Vitória, situada entre área do Manguezal de Vitória e o atual bairro Jardim da Penha. Nesse contexto geográfico, entendido como uma cidade universitária, o Campus Goiabeiras se constitui a partir da construção de edificações, em três períodos (1965-1970, 1970-1975 e 1975-1985), durante os quais ocorre sua consolidação. As obras do conjunto edificado, expressivas da arquitetura moderna no Espírito Santo, são de autoria de arquitetos atuantes localmente, Maria do Carmo Schwab, Marcelo Vivacqua, Christiano Woelffel Fraga e Alfredo Silva, e nacionalmente Maurício de Castro e José Galbinsky. O conjunto constitui-se por quatro agrupamentos homogêneos e um heterogêneo, e cinco edifícios isolados. A pesquisa dedica-se à realização de documentação (identificação, descrição e representação) dos sedimentos arquitetônicos, a partir de quatro subsistemas arquitetônicos (edifício-sítio, programático-funcional, técnico-construtivo e estético formal). Para tanto, adota como procedimento metodológico abordagem qualitativa, histórica e crítica, para conhecer a formação e a transformação do universo de estudo. Foram obtidos como resultado, a partir da elaboração de representações iconográficas e cartográficas e de texto verbal-analítico, a produção de “Cartas do patrimônio arquitetônico da Ufes”, a partir das quais foi possível a criação de quadro orientado à conservação do patrimônio, com indicação de endereços projetuais.

Memórias, vivências, futuros do planejamento físico na Universidade de Brasília

Eduardo Oliveira Soares, Alice Rosa Cardoso

O Campus Universitário Darcy Ribeiro, inaugurado junto com a Universidade de Brasília (UnB) em 1962, integra a área reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), desde 1987, como Patrimônio Cultural Mundial. Nos quase 400 hectares divididos em três Glebas há cerca de cem edificações com as mais variadas tipologias e usos, bem como amplas áreas em que a natureza se destaca. Nesse território universitário, a paisagem se completa quando as milhares de pessoas que o frequentam, circulam e desfrutam dos seus generosos espaços. A gestão do planejamento físico do campus é realizada por profissionais vinculados ao Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (Ceplan). A atualização do Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro, finalizada e aprovada pela Administração Superior da universidade em 2024, contou com arquitetos da equipe do Ceplan – em conjunto com equipe multidisciplinar – no que se tornou uma oportunidade para refletir e avaliar questões relacionadas a Gestão, a Morfologia Urbana, a Mobilidade, a Paisagem e Paisagismo, a Infraestrutura de Saneamento, aos Recursos Naturais e ao Patrimônio. Em uma breve narrativa, apresentamos memórias e vivências de integrantes de uma equipe que se empenha em exercer da melhor forma possível atividades referentes à arquitetura e ao urbanismo. Mesmo com diversos empecilhos que sempre surgem pelo caminho, reafirmamos a convicção de que é possível, coletivamente, criarmos um campus mais sustentável e solidário. É esse o futuro que queremos. O artigo será uma narrativa em primeira pessoa de quem está nos bastidores da gestão universitária e tem tanto a incumbência de salvaguardar o patrimônio arquitetônico, urbanístico, paisagístico e natural da Universidade de Brasília, quanto a de planejar um futuro melhor.

O patrimônio do Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília: reconhecimento e salvaguarda

Geysa Victória Dourado da Silva, Ana Clara Giannecchini

O Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB) está presente no Plano Piloto de Brasília de Lucio Costa e inserido no Perímetro Urbano reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. No entanto, o campus não possui instrumentos de salvaguarda específicos. Por outro lado, o Campus Central da Cidade Universitária da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), também reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial, possui diversos instrumentos de conservação e apresenta boa integridade do seu espaço físico. Este artigo tem como objetivo analisar os desafios de preservação do Campus Darcy Ribeiro e apresentar um levantamento de referências de ações e métodos de salvaguarda utilizados no Campus Central da UNAM. Para isso, a pesquisa usará como apoio bibliografias sobre o tema, como o Plano de Gestão do

Campus Central da Cidade Universitária da UNAM, planos e propostas institucionais da Universidade de Brasília sobre o uso e a ocupação do Campus Universitário Darcy Ribeiro, o seu atual Plano Diretor e estudos diversos. A pesquisa pretende ampliar o debate sobre mecanismos possíveis de salvaguarda para o patrimônio construído do campus da UnB.

O patrimônio construído da UFBA e o desafio da sua preservação

Clara Rachel Reis

O patrimônio construído da Universidade Federal da Bahia expressa diversos momentos da arquitetura baiana, porém tem se descaracterizado por intervenções até mesmo da própria instituição. Este artigo busca narrar brevemente essa história e reconhecer quais são os desafios e possíveis soluções para a valorização dessas obras e sua consequente preservação. A constituição da Universidade se deu primeiramente por aquisições de antigos casarões ecléticos para instalação de unidades independentes na cidade e o surgimento do Campus Canela a partir da construção de edificações de inspiração corbusiana, adensamento vertical e generosos espaços livres. Com a ocupação do entorno do campus e a fundação de novos cursos, houve a necessidade de adquirir uma área maior em outro bairro, que viria a ser o Campus Ondina, construído numa lógica de campus americano e, num primeiro momento, com edifícios de expressão brutalista, sempre adaptados às particularidades da topografia e clima da Bahia, tendo como principal projetista o arquiteto Diógenes Rebouças. Posteriormente, a Universidade passou por um período com recursos para atender apenas emergências e a construção de unidades isoladas. Nos anos 2000 já era necessário atender à ampliação da quantidade de vagas, diversificação dos discentes pela implementação de cotas e implantação da universidade no interior do estado. Para reconhecer o espaço físico da universidade como patrimônio é necessário entender a sua relevância para a história a partir do seu registro e documentação. Apesar de alguns trabalhos acadêmicos, ainda é necessário um levantamento formal sobre o projeto e execução dessas construções. Há diversas dificuldades para a preservação dessas obras em suas características autênticas. O ambiente universitário deve estar preparado para receber a pluralidade de seus usuários e para adaptar-se aos novos tempos e demandas necessárias, mas é necessário conciliar com a conservação dos atributos que valoram essas obras arquitetônicas como patrimônio.

Identificação do patrimônio arquitetônico neocolonial do campus da UFRRJ em Seropédica/ RJ

Andressa Pazianelli Leite

O campus da UFRRJ, em Seropédica/ RJ, foi idealizado pelo Ministério da agricultura na gestão de Fernando Costa durante o Estado Novo. Seu objetivo era de promover a formação especializada de profissionais relacionados com o meio rural e desenvolver pesquisas para aprimoramento das técnicas agrícolas, através de duas Instituições: a Universidade Rural e o Centro Nacional de Estudos e Pesquisas Agronômicas (CNEPA). Construído entre 1937 e 1943 em terras da antiga Fazenda Imperial de Santa Cruz, a arquitetura do campus segue uma linguagem neocolonial e é composto por cerca de trinta edificações que abrigam atividades acadêmicas e administrativas, além de quinhentas moradias para funcionários, alojamentos para alunos e construções rurais de apoio. Este conjunto arquitetônico está integrado a uma paisagem pitoresca com relevos, lagos e massas arbóreas. Em 1993, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC/RJ) reconheceu o conjunto arquitetônico e paisagístico do campus da UFRRJ como patrimônio cultural. No entanto, apesar do tombamento estabelecer diretrizes para sua proteção e estabelecer o tombamento isolado das edificações consideradas de maior relevância, não foi realizado um levantamento completo do conjunto, comprometendo sua integridade e dificultando ações preservação efetivas. Este trabalho que parte do projeto de extensão do Laboratório de Patrimônio Arquitetônico da UFRRJ (LabArq/UFRRJ), vinculado ao Núcleo de Articulação de Acervos e Coleções (NAAC/ UFRRJ), tem como objetivo identificar as edificações do projeto original do campus. A análise se baseia no relatório das obras do CNEPA entre 1937 e 1945, em matérias de periódicos da época e na documentação arquitetônica da UFRRJ disponível no Laboratório de Documentação (LabDoc/ UFRRJ). As informações levantadas foram organizadas em um mapa georreferenciado. Com este trabalho, busca-se fornecer subsídios para pesquisas e ações de preservação do patrimônio arquitetônico da UFRRJ, assegurando que todos os bens que o integram sejam incluídos em sua gestão.

SESSÃO 9 - Patrimônio universitário e extensão

6 de setembro de 2024 // 09H às 12H

Mediação: Martha Marandino (FE-USP)

Re-unir ciência e história para ampliar o interesse e os usos das coleções científicas geológicas

Camila Hoshino Sborja, Jéssica Tarine Moitinho de Lima

A preservação integrativa da ciência e de sua história no âmbito das coleções geológicas enriquece a compreensão e expande as possibilidades de utilização do acervo, fomentando, além do interesse acadêmico, seu valor educacional e cultural. Apresentaremos aqui o estudo de caso do Laboratório de Preservação de Acervo Litológico (LitoLab) do Museu de Geociências do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc/USP). As coleções geológicas do LitoLab são geridas visando a vinculação entre ciência e história, com conteúdo composto por: rochas e materiais derivados de suas análises, itens pessoais de pesquisadores, documentação técnica de época e fotografias da comunidade do IGc/USP, fornecidas por funcionários, discentes e docentes. Os objetivos do LitoLab ficam evidentes em seus três fundamentos: preservar os frutos das pesquisas científicas de seu corpo técnico, disponibilizar digitalmente seu acervo, contextualizar social e culturalmente as coleções. Estas ações visam conservar a integridade dos bens científicos, ampliar as possibilidades de acesso e divulgação das informações vinculadas às coleções geológicas, e aprofundar o alcance das informações técnico científicas disponibilizadas, atingindo novos públicos e novos usos. Para alcançar estes objetivos utilizam-se métodos de comunicação e documentação museológicas, como a digitalização e disponibilização das informações e imagens por meio de um repositório digital, permitindo a integração entre os metadados da coleção de geologia e da coleção de história da ciência. Os resultados destas ações popularizam o acervo, estendendo seu alcance além da comunidade científica. A integração das coleções científicas com seus contextos sociais e culturais não só cativa um público mais amplo, mas também valoriza e amplia a acessibilidade do legado geológico. O estudo de caso do LitoLab demonstra como a fusão entre ciência e história é capaz de amplificar as capacidades de divulgação científica e de promover um entendimento mais profundo da relevância dos contextos cultural e social das pesquisas científicas.

Mulheres na Ciência: Cientistas e Professoras do Instituto de Química de Araraquara

Maria Eduarda de Jesus Castro

O patrimônio cultural, tem como objetivo reconhecer, estabelecer e preservar os bens materiais e imateriais, que determinam a identidade e conservam a cultura de um país, de uma comunidade, de instituições, entre outros corpos sociais. (Araripe, 2004). Uma das instituições que preserva o patrimônio cultural são os museus e centro de ciências, onde é encontrado o patrimônio cultural material (artefatos, obras-primas, fósseis, etc) e o patrimônio cultural imaterial (conhecimento histórico, ofícios, representações etc), que se destaca por conservar e resgatar a história e os conhecimentos que são herança da humanidade. Outra instituição de extrema importância para a preservação do patrimônio cultural são as universidades brasileiras, que resgatam e preservam as práticas de ensino, pesquisas, extensão e a história da universidade provida por alunos, professores e outros profissionais. Nesse contexto, o projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista (UNESP), do Instituto de Química de Araraquara, “Mulheres na ciência: A representatividade importa”, tem como objetivo dar visibilidade e incentivar mulheres e meninas na ciência, com a colaboração do Centro de Ciências de Araraquara (CCA), foca em preservar e reconhecer o legado que algumas das docentes e pesquisadoras deixaram para a instituição. Foram escolhidas quatro mulheres para iniciar esta pesquisa, a Professora Doutora Maria Valnice Boldrin, docente com mais de 290 artigos publicados, a Professora Doutora Denise Bevilaqua, vice-diretora do Instituto de Química, a Professora Cecília Laluce, primeira docente mulher do instituto e a Professora Doutora Vanderlan Bolzani, que foi a primeira mulher exercer a presidência da Sociedade Brasileira de Química (SBQ) e da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp). Portanto, este projeto, não somente manifesta o patrimônio cultural imaterial das docentes que contribuíram para o Instituto de Química de Araraquara, mas também, manifesta um legado para a história da ciência e para as futuras profissionais na área da ciência.

Análise Mineralógica presente no acervo do Museu de Minérios do IFRN (Campus-Natal-Central) como forma de imersão, acessibilidade e permanência através dos grupos sociais visitantes estudados

Yara Feliciano Gomes, Anny Caroline Freire da Silva, Narla Sathler Musse de Oliveira

O Museu de Minérios do Rio Grande do Norte tem a pesquisa básica e aplicada na área de bens minerais, geodiversidade (conservação do patrimônio geológico), para difundir a pesquisa e educação de qualidade associada ao desenvolvimento socioeconômico do estado. Este trabalho tem como objetivo destacar, uma das potencialidades, dentre as quatro coleções dos acervos (NMAO, IFRN, Waldemar Meira Trindade e Felipe Fernandes da UFPR) através das análises

mineralógicas de técnicas de caracterização de difração de raios-X (DRX) como ciência do patrimônio e sua difusão de conhecimento na área de minérios do RN. Através de uma metodologia em desenvolvimento da análise quali-quantitativa destes acervos apresentar aos grupos sociais visitantes (comunidade interna e externa) ações de universalização por meios das tecnologias de informação que atraem o público para o museu, e assim destacar os impactos que essas ações geram nestes grupos de visitantes estudados como forma de imersão, acessibilidade e permanência.

Cotidiano Universitário e o Inventário Participativo de Referências Culturais da USP

Sofia Diogo Braga, Rodrigo Augusto das Neves, Flávia Brito do Nascimento

O Centro de Preservação Cultural da USP/Casa de Dona Yayá, órgão ligado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, realiza desde de 2002 o Inventário Participativo das Referências Culturais da USP com o tema do Cotidiano Universitário. Trata-se de uma iniciativa no âmbito das atribuições institucionais do CPC USP que visa promover ações de extroversão, educação, comunicação e interpretação do patrimônio cultural da USP e da pauta patrimonial. A partir da metodologia e da conceituação de Inventário Participativo está em andamento um inventário do patrimônio universitário na Universidade que inclui as práticas, saberes, tradições, celebrações, lugares, edifícios, pessoas, que constituem o patrimônio cultural no seu sentido mais amplo, produzido no cotidiano, atualizado pelas novas gerações, repassados como tradição, como contra-narrativas, e constituem práticas sociais.

Roteiros como Extensão Universitária

Rodrigo Augusto das Neves, Marina Gazzoli Pio, Flávia Brito do Nascimento

A Universidade de São Paulo conta com um variado e importante patrimônio cultural espalhado por seus campi. O Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de Dona Yayá é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão que tem como missão a construção de reflexão crítica sobre o patrimônio cultural universitário e na sociedade em geral. Com a perspectiva de aprofundar conhecimentos e construir diálogos com a sociedade sobre a história e os lugares de referência na USP, a gestão 2022-2024 do CPC-USP desenvolveu o projeto Roteiros do Patrimônio Cultural da USP, com percursos de visita na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, no Centro de São Paulo e no Campus de São Carlos.



CURRÍCULOS

AGUEDITA COSS LANZ

Doctor en Arquitectura (2014), Magíster Scientiarum en Arquitectura Paisajista (2003) y Arquitecto (1987) por la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Central de Venezuela. Ha recibido varios reconocimientos de los que destaca la Orden José María Vargas UCV, 3ra. clase (Medalla).

Ha concentrado su línea de investigación en Sostenibilidad Urbana y Metabolismo Urbano, teniendo como eje temático el paisajismo y patrimonio de la Ciudad Universitaria de Caracas, Venezuela. Ha participado como ponente en diversos eventos científicos vinculados al tema ambiental y es autora de libros y artículos sobre temas ambientales y patrimoniales en revistas especializadas. Posee amplia experiencia en estudios y proyectos de planificación ambiental, paisajismo y arquitectura a escala regional y local, elaborados para organismos públicos y entes privados.

Actualmente se desempeña como Directora del Consejo de Preservación y Desarrollo COPRED UCV, designación que estuvo precedida por la de Gerente de Desarrollo Docente y Estudiantil del Vicerrectorado Académico. Asimismo, fue Directora y Coordinadora de Postgrado del Centro de Estudios Integrales del Ambiente (CENAMB UCV) años 2015 al 2019, en donde es Investigador Docente Titular desde el año 1993. Al igual que en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo FAU UCV, en donde coordinó el Departamento de Acondicionamiento Ambiental años 2009 al 2011. Desde el año 2009 es parte de la Comisión de Paisajismo UCV.

ANA LANNA

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1985) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1994). Pós Doutorado na Univ. Paris IV- Sorbonne (2001). Atualmente é professor titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo e Pró Reitora de Inclusão e Pertencimento Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: historia das cidades, patrimônio cultural, arquitetura, historia urbana e historia social. Diretora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, 2006/2010. Coordenadora do Projeto Temático FAPESP São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade(2007/2011). Coordenadora projeto EX_MET (IRD/CNRS) (2020/2023). Bolsista produtividade do CNPq. Diretora Instituto de Estudos Brasileiros (2006/2010); Chefe do Departamento de História da Arquitetura da FAUUSP. Coordenadora do Núcleo Apoio a Pesquisa NAPSP São Paulo: cidade, espaço, memória. (até 2016) Presidente do CONDEPHAAT (2013/2015). Diretora da FAUUSP(2018/2022); Pró Reitora de Inclusão e Pertencimento USP (2022)

ANDRÉ FROTA FARACO

Doutorando no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP. Desde 2019 é pesquisador do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC). Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Foi presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santa Bárbara d'Oeste (2021-2022). Recebeu o prêmio "Destaque Cultural do Ano - Categoria Patrimônio Histórico Material em 2020", concedido pela Câmara Municipal de Santa Bárbara d'Oeste. Membro do Icomos-Brasil, com participação no Comitê Nacional de Interpretações, Educação e Narrativas Patrimoniais. Autor do livro "Educação Patrimonial em São Carlos: identificando referências culturais na universidade e na escola" (2023).

BERNARDO SVARTMAN

Professor de Psicologia Social e de Psicologia Comunitária no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do conselho acadêmico da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP-USP). Possui mestrado(2004) e doutorado(2010) em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de São Paulo. Realizou experiências de assessoria a movimentos sociais , organizações autogestionárias e ao sindicato de metalúrgicos do ABC paulista, na área da saúde do trabalhador. Foi editor da revista Psicologia USP entre 2015 e 2018. Atualmente faz parte da equipe editorial da revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. Membro do GT de psicologia comunitária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Pesquisa as atividades comunitárias e as práticas de educação popular desenvolvidas por movimentos sociais da cidade de São Paulo.

BENNY SCHVARSBERG

Arquiteto urbanista carioca de nascimento e candango por opção, formado pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal Fluminense/RJ. Mestre em planejamento urbano e regional pelo IPPUR/UFRJ, doutor em sociologia urbana pela UnB. Professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília onde atua na pesquisa, ensino e extensão em urbanismo desde 1992. Foi Presidente do Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do Distrito Federal, Diretor de Planejamento Urbano e Secretário Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades. Foi secretário executivo da ANPUR – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Possui diversas publicações na área de urbanismo e planejamento urbano e territorial. Atualmente é assessor para assuntos estratégicos da reitora da UnB tendo coordenado o Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro aprovado em 2024.

ÉDER CLAUDIO MALTA

Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Sociologia pelo PPGS/UFS. Pós-doutorado (PNPD/CAPES) pelo PPGS/UFPEL (RS). Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC/UFS).

EMANUELA SOUSA RIBEIRO

Professora do curso de bacharelado em Museologia da UFPE, sou historiadora de formação (graduação pela UFMA, mestrado e doutorado em História pela UFPE), atuando na área do patrimônio cultural e da museologia, com pós-doutorado em Museologia (Museu de Astronomia e Ciências Afins – MCTI). Na pós-graduação atuo no PPG em História da UFRPE e no PPG Profissional em Gestão Pública da UFPE. Experiências profissionais anteriores, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, me aproximaram dos temas da gestão das políticas públicas de cultura. Assim, meus interesses de pesquisa envolvem tanto os aspectos teórico-metodológicos da fabricação do patrimônio cultural quanto as experiências de gestão e vivências cotidianas do patrimônio e dos museus. Nos últimos anos tenho me dedicado ao estudo do patrimônio cultural de ciência e tecnologia e do patrimônio universitário, pois tenho gostado de refletir sobre o que tentamos preservar e o que nos empenhamos em esquecer quando tratamos da nossa experiência acadêmica; também tento contribuir com práticas e estratégias de fabricação deste patrimônio, colaborando em ações institucionais relativas à gestão do patrimônio universitário e da ciência e tecnologia.

FABIOLA ZONNO

Doutora e Mestre em História Social da Cultura, além de especialista em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio, é Professora Associada do Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, onde se graduou. Atua como docente permanente nos Programas de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ - FAU/UFRJ) e Projeto e Patrimônio (PGPP - FAU/UFRJ) do qual foi Coordenadora (2020-21). Desenvolve a pesquisa "Entre Arquitetura, Arte e Paisagem - teoria e crítica da complexidade contemporânea", atualmente dedicada ao tema da memória em processos poéticos, projetos de intervenção e projetos educativos como o Atlas.Memória.UFRJ (2022).

FLÁVIA BRITO

Flavia Brito do Nascimento Arquiteta e historiadora, professora livre docente da FAU USP, realizou pós-doutorado na Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Foi arquiteta concursada do Iphan/SP (2005-2013). Publicou diversos livros, dentre os quais "Blocos de Memórias: habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural" (Edusp/Fapesp, 2016) e "Cotidiano Conjunto: domesticidade e patrimonialização da habitação social moderna" (Edusp, 2024, no prelo). É atualmente Diretora do Centro de Preservação Cultural da USP, Conselheira do Conselho Consultivo do Iphan e bolsista produtividade do CNPq, estudando os museus-casa de mulheres. Coordena a área de Arquitetura e Urbanismo na Fapesp.

JANICE TEODORO

Janice Theodoro da Silva atualmente é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo. Possui graduação (1972), mestrado (1975), doutorado (1981) e livre-docência (1991) pela Universidade de S. Paulo. Tornou-se professora titular em (1997) pela Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado junto a École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris) em 1992 e na Universidade de Macau (China) em 1995. Foi parecerista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq. Presidiu a comissão responsável pela avaliação de Faculdades, MEC, na área de História e fez parte da comissão da Biblioteca Nacional responsável pela seleção de livros para a formação de Bibliotecas Públicas em todo o Brasil. Participou do grupo que auxiliou a montagem das matrizes do ENEM na área de História. Presidiu a Comissão da Verdade-USP. Em 2018 recebeu o prêmio Grão Mestre da Ordem Nacional do Mérito Educativo em razão de seus trabalhos junto ao Ministério da Educação em favor da educação brasileira. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América, atuando especialmente em pesquisas voltadas para História da América, Historiografia da América, História e Literatura e Teoria da História.

JOANA MELLO

Docente do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP, coordenadora do grupo USP-CNPq Arquivos, Fontes e Narrativas: entre Cidade, Arquitetura e Design, autora e organizadora de livros como “O arquiteto e a Produção da Cidade: a experiência de Jacques Pilon, 1930-1960” e “Icaro de Castro Mello: principais projetos”.

JULIO PASTORE

Professor adjunto da Universidade de Brasília - UnB, nas áreas de Paisagismo, Arborização Urbana e Jardinagem, Agrônomo pela Universidade Federal de Goiás (2004), mestre em Paisagismo pela Università degli Studi di Firenze, Itália (2008). Doutor em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo FAUUSP. Desenvolveu pesquisa (pós-doutorado) sobre Filosofia da Paisagem e Teoria do Paisagismo na FAUUSP. Ganhador de 2 prêmios nas áreas de Arborização (Secretaria do Meio Ambiente/GDF) e de Paisagismo (V Bienal Latino-Americana de Arquitetura da Paisagem), este último com o projeto Jardim de Sequeiro.

GABRIEL DE OLIVEIRA MORAIS

Gabriel Moraes é doutorando nas ciências sociais pela FFLCH-USP no programa de pós-graduação DIVERSITAS - Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, com mestrado pelo mesmo programa. Possui pesquisas na área de gênero e sexualidade, com foco nas masculinidades, e por mais de seis anos investigou jovens e festas universitárias por toda a USP. Também possui passagem pela Universidade de Amsterdam e pela FLACSO - Argentina.

GABRIEL FERNANDES

Doutorando, mestre (2017) e bacharel (2012) em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, atua desde 2012 como Especialista no campo do patrimônio cultural no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo, onde desenvolve ações de cultura e extensão universitária relacionadas ao patrimônio universitário. Desenvolve pesquisas nas interfaces entre paisagem, natureza, arquitetura e patrimônio cultural.

GREGÓRIO CECCANTINI

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1992), mestrado (1996) e doutorado (2002) em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado (Fapesp) na Universidade de Harvard, no Holbrook Laboratory, (Cambridge, Massachusetts) de julho de 2015 a julho de 2016. Foi pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) de 1996 a 1998 e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) de 1998 a 2002. Professor Associado da Universidade de São Paulo, tem experiência na área de Botânica, com ênfase em anatomia e morfologia vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: anatomia vegetal, anatomia da madeira e dendroecologia, biologia de plantas parasitas, anatomia funcional e arquitetura hidráulica de plantas. Desde 2002 é responsável pelo Fitotério da USP e curador da xiloteca (SPFw).

GUILHERME TORRES CORRÊA

Bacharel e licenciado em Filosofia (USP), graduado em Farmácia-Bioquímica (UNESP), especialista em Saúde Pública (Fiocruz), mestre em Educação em Ciências e Saúde (UFRJ) e doutor em Educação (USP). Possui experiência profissional e acadêmica nas áreas da Pedagogia, Filosofia e Saúde Coletiva. Hoje em dia atua profissional e academicamente na interface entre Envelhecimento, Filosofia e Educação Ambiental.

HÉLIO HERBST

Pesquisador do PROARQ/UFRJ. Professor do PPGPACS e do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ. Arquiteto, mestre, doutor e pós-doutor pela FAU/USP. Pós-doutor pelo ISCTE-IUL. Membro dos grupos NUPAM/UFRRJ, GMP/USP e LabLugares/UFRJ, nos quais desenvolve pesquisas sobre arte mural em territórios universitários latino-americanos. Participa com regularidade de eventos científicos, sendo autor de publicações centradas na análise da forma e na revisão da historiografia da modernidade arquitetônica.

MARCOS NAPOLITANO

Professor titular do Departamento de História da Universidade de São Paulo, Doutor em História Social pela USP e pesquisador 1 do CNPq. Autor dos livros 1964: História do Regime Militar (Contexto, 2014) e Coração Civil: a vida cultural brasileira sob o regime militar (Intermeios, 2017).

MARIANNA BOGHOSIAN

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP (2005), Mestrado (2010) e Doutorado (2014) em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. Recebeu Menção Honrosa no 28o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira (2014 - categoria livros publicados) e Prêmio ANPARQ de Dissertações e Teses (2010). Atualmente é professora de cursos de graduação e pós-graduação na Escola da Cidade, onde também atua como parte do Conselho Diretor (2019-2025) e como Diretora Adjunta do Conselho Científico. É editora executiva das revistas Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade (publicação premiada pelo Prêmio IAB-SP 75 anos, 2018) e América - Revista de Pós Graduação da Escola da Cidade (finalista na categoria publicações na XI Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo). Integra o CACAL (Grupo de Pesquisa Cultura Arquitetura e Cidade na América Latina) desde sua criação (2015). Entre 2017 e 2020 foi Conselheira representante do IAB-SP junto ao Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo é um conselho vinculado à Secretaria Municipal de Cultura). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Patrimônio Cultural.

PAULO CÉSAR GARCEZ MARTINS

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (1991), instituição na qual também obteve a Licenciatura em História (1995), Doutorado em História Social (1999) e Livre-docência (2021). Especialista em Conservação de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Professor Associado do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e do Programa de Pós-graduação em Museologia da USP. Exerce atualmente a função de Diretor do Museu Paulista da USP (gestão 2024-2028). Foi Vice-Diretor do Centro de Preservação Cultural da USP (2006-2009) e conselheiro do CONDEPHAAT entre 2013 e 2015. É membro do International Council of Museums (ICOM-BR), do International Committee for University Museums and Collections (UMAC/ICOM-BR) e do Internacional Council of Monuments and Sites (ICOMOS-BR).

OTÁVIO LUÍS MACHADO

Otávio Luiz Machado. É graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É editor da Editora Prospectiva e coordenador do Ponto de Cultura Acervo Otávio Luiz Machado. Atua na área de patrimônio cultural, com destaque para o Projeto Ouro Preto Patrimônios, que é realizado visando a patrimonialização das repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É autor de "Sentidos de pertencimento e identidade cultural: as repúblicas estudantis de Ouro Preto e o patrimônio imaterial", "Relações Comunitárias em Ouro Preto: desenvolvimento educacional e o patrimônio cultural" (no prelo) e outras obras. É membro titular dos seguintes conselhos em Frutal-MG: Cultura e Patrimônio Cultural. Como uma entidade cultural que vai se fortalecendo, o Acervo Otávio Luiz Machado conduz um robusto projeto de educação patrimonial, com atividades para o sistema educacional estadual em Frutal e a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O Acervo é guardião de importante registros documentais (principalmente entrevistas), tendo destaque o patrimônio cultural universitário.

RENATO CYMBALISTA

Renato Cymbalista é professor livre docente da FAU-USP. É diretor de Direitos Humanos e Políticas de Memória, Justiça e Reparação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da USP. Integra os conselhos da Casa do Povo, Goethe Institut São Paulo e Pinacoteca do Estado. Integra o Grupo de Trabalho Memorial DOI-CODI em São Paulo. É diretor da Associação pela Propriedade Comunitária (FICA). Professor convidado das universidades TU Brandenburg, Parsons-the New School of Design, Paris VII, Paris I, TU Berlin e Bauhaus Weimar. Autor e organizador de livros como “Patrimônio Cultural, Memória e Intervenção Urbana”; “Situando Jane Jacobs” e “O Guia dos Lugares Difíceis de São Paulo”.

UMBERTO BONOMO

Arquitecto, Universidad IUAV de Venecia, Italia, 2004. Doctor en Arquitectura y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, 2009. Trabaja temas de Social Housing y patrimonio buscando puntos de contacto entre la teoría, la práctica y la vinculación con el territorio urbano y rural. Ha expuesto en la Bienal de Chile, de Sao Paulo y de Venecia. Ha sido finalista de la iniciativa Elemental, ha estudiado los problemas de la vivienda urbana de América Latina enfocándose específicamente en la relación entre las políticas de vivienda y los planes y proyectos que de ellas derivan. Sus estudios se han publicado en numerosas revistas, libros y han sido presentados en seminarios internaciones. Es miembro activo de Docomomo Chile, ha realizado consultorías y estudios para el Ministerio de la Cultura, las Artes y el Patrimonio, para CEPAL, para el Banco Interamericano de Desarrollo y la Presidencia de la República de Chile, entre otros. Actualmente es Profesor Asociado de la Escuela de Arquitectura, Facultad de Arquitectura Diseño y Estudios Urbanos de la Pontificia Universidad Católica de Chile. Entre 2018 y 2024 fue director del Centro del Patrimonio Cultural UC, actualmente es Director del Laboratorio de Patrimonio Documental y Humanidades Digitales UC. Es miembro fundador y parte del Board de la organización internacional Our World Heritage (OWH <https://www.ourworldheritage.org>) con sede en Holanda y el coordinador para America Latina del Consorcio Heritópolis (<https://heritopolis.org>).

ZOY ANASTASSAKIS

Zoy Anastassakis (1974) é bacharel em Design (Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999), mestre e doutora em Antropologia (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007 e 2011). É professora adjunta e atual diretora da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi/UERJ), onde coordena o Laboratório de Design e Antropologia (LaDA). Desde 2009, atua como professora e pesquisadora, seja na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Rio Grande do Sul), ou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde, desde 2012, é professora adjunta. Entre 2014 e 2015, coordenou projeto de cooperação bilateral entre o LaDA e o Codesign Research Center, da Royal Danish Academy of Fine Arts, Copenhagen, Dinamarca. Entre 2016 e 2018, atuou como diretora da Esdi. Em 2018, foi pesquisadora visitante no Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen, Escócia, onde tomou parte das atividades do projeto “Knowing from the inside: Anthropology, Architecture, Arts and Design”, coordenado pelo antropólogo britânico Tim Ingold. Entre 2019 e 2022, atuou como investigadora colaboradora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA, em Lisboa, Portugal). Publicou os livros “Triunfos e Impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil” (Lamparina Editora, 2014), “Refazendo tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade” (Zazie Edições, 2020) e “Everyday Acts of Design: Learning in a Time of Emergency” (Bloomsbury, 2022), este em co-autoria com Marcos Martins.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior, reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda, vice-reitora

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

Marli Quadros Leite, pró-reitora

Hussam El Dine Zaher, pró-reitor adjunto

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Flávia Brito do Nascimento, diretora

Simone Scifoni, vice-diretora

CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Bruna Gabriela Elias, assistente de direção

Eduardo Kishimoto, analista de comunicação

Antonio Francisco de Azevedo, analista de sistemas

Maria Del Carmen Ruiz, educadora

Ana Célia de Moura, especialista em laboratório

Gabriel Fernandes, especialista em laboratório

Raul Macedo, estagiário em gestão de políticas públicas

Dayane de Oliveira, técnica administrativa

José Marcos Gonçalves, técnico de manutenção/obras

LOCAL DO EVENTO

Faculdade de Direito da USP
Largo São Francisco, 95 - Centro, São Paulo - SP, 01005-010

3 A 6 DE SETEMBRO DE 2024

REALIZAÇÃO



APOIO

